

Sara Alexandra Massa Pires



**Stalking e Cyberstalking: Estudo sobre a Coocorrência e os Padrões de
Vitimação em Estudantes do Ensino Universitário**

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2016

Sara Alexandra Massa Pires



**Stalking e Cyberstalking: Estudo sobre a Coocorrência e os Padrões de
Vitimação em Estudantes do Ensino Universitário**

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2016



Sara Alexandra Massa Pires

Assinatura: _____

**Stalking e Cyberstalking: Estudo sobre a Coocorrência e os Padrões de
Vitimação em Estudantes do Ensino Universitário**

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de mestre em Psicologia Jurídica, sob orientação da Professora Doutora Ana Sani e da Professora Doutora Cristina Soeiro (Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz).

Porto, 2016

Resumo

Os fenómenos de stalking e cyberstalking caracterizam-se por um padrão de comportamentos persistentes, que tendem a escalar na sua frequência e severidade, podendo gerar consequências devastadoras na vida das vítimas, sobretudo na população universitária, considerada a mais vulnerável a estes dois tipos de vitimação. Dado o insuficiente número de investigações internacionais e nacionais que cruzam as duas problemáticas, surge a presente investigação como oportuna para o desenvolvimento científico na área da Vitimologia. O primeiro artigo é constituído pela revisão sistemática da literatura, tendo sido analisados 25 estudos empíricos que averiguavam a ocorrência do stalking e cyberstalking em estudantes universitários. Desta forma, concluiu-se que os índices de prevalência são dispersos e elevados, sendo as vítimas maioritariamente do sexo feminino, os ofensores pertencem geralmente ao sexo masculino, decorrendo de uma relação de intimidade ou por pessoas conhecidas. Os comportamentos perpetrados maioritariamente pelo(a) ofensor(a) foram as tentativas de contactos indesejados e o aparecimento em locais frequentados pela vítima. As áreas mais afetadas foram a saúde psicológica e física, tendo sido as fontes de apoio informal as mais ativadas pelas vítimas. Por último, são apresentadas as contribuições e limitações das abordagens científicas sobre a ocorrência de ambos os fenómenos. Posteriormente ao enquadramento teórico, o segundo artigo é composto pelo estudo empírico tendo como objetivo estudar a coocorrência e os respetivos padrões de vitimação do stalking e cyberstalking em estudantes universitários através do Inventário de Vitimação por Stalking (IVS) e pela Escala de Avaliação de Cyberstalking (EAC). A amostra constituiu-se por 1081 estudantes, de ambos os sexos, com idades entre os 18 e os 58 anos ($M= 22.8$; $DP= 4.94$). Os resultados demonstraram taxas de prevalência preocupantes, sendo as vítimas de stalking e cyberstalking predominantemente do sexo feminino (77.2%) e os(as) agressores(a) são do sexo masculino (71.3%). Os comportamentos de stalking e cyberstalking foram as ações percebidas como aparentemente

inofensivas e de hiperintimidade. Os resultados reforçam a necessidade do conhecimento científico de ambos os fenómenos, a prevenção com a realização de ações de sensibilização e a promoção da formação a profissionais que lidam com as vítimas de modo a reconhecer, compreender e intervir nos fenómenos de stalking e ciberstalking.

Palavras-chave: Stalking, Ciberstalking, Coocorrência, Estudantes Universitários.

Abstract

The stalking and ciberstalking are characterized by a persistent pattern of behaviour which tend to scale in their frequency and severity, and can have devastating consequences on the life of the victim, especially in the university population, considered the most vulnerable to these two types of victimization. Given the insufficient number of international and national investigations that cross the two issues, emerges this research for scientific development in the area of victimology. The first article consists of the systematic review of the literature, it has been analysed 25 empirical studies that study the occurrence of stalking and ciberstalking in college students. Thus, it was found that the prevalence rates are dispersed and high, the victims are mostly female and the offenders generally were males, derive from an intimate relationship or persons known. The behaviours are mostly perpetrated by the offender were attempts to unwanted contacts and the appearance in places frequented by the victim. The most affected areas were the psychological and physical health and the sources of informal support were the more activated. Finally, the contributions and limitations of scientific approaches to the occurrence of both phenomena are presented. The second article consists of the empirical study in order to study the co-occurrence and respective patterns of victimization of the stalking and ciberstalking in college students through the Inventário de Vitimação por Stalking (IVS) and Escala de Avaliação de Ciberstalking (EAC). The sample consists in 1081 students, aged between 18 and 58 years old ($M= 22.8$; $DP= 4.94$). The results showed alarming prevalence rates, the victims are predominantly female (77.2%) and

perpetrators are male (71.3%). The behaviours were the actions thought of as seemingly harmless and hyperintimacy. These results reinforce the need for scientific knowledge of both types of violence, preventing and promotion of training for professionals that handle with victims to recognize, understand and intervening in the phenomena of stalking and ciberstalking.

Keywords: Stalking, Ciberstalking, Co-occurrence, College Students.

*A todas as pessoas importantes na minha vida,
Em especial aos meus pais e à minha irmã Francisca.*

Agradecimentos

Primeiramente, quero agradecer ao Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz e à Universidade Fernando Pessoa, bem como aos docentes pela transmissão de conhecimentos e pela excelência de formação.

Às minhas orientadoras de dissertação, a Professora Doutora Ana Sani e a Professora Doutora Cristina Soeiro, com quem tive o privilégio de ser orientada pelas excelentes profissionais e professoras, que se mostraram sempre disponíveis para me auxiliar ao longo deste trabalho. Um enorme obrigado pela dedicação, motivação, pelas valiosas contribuições e partilha de aprendizagens.

À minha família, aos meus tios, primos e aos meus avós pela preocupação, apoio, carinho e suporte. Especialmente à minha irmã Francisca e aos meus pais, pois sem eles nada disto era possível, obrigada pelos sacrifícios que fizeram ao longo destes cinco anos, estando sempre a meu lado nos momentos mais importantes da minha vida, por terem sempre acreditado em mim e nos meus sonhos, dando-me sempre forças para que nunca desistisse.

Às minhas melhores amigas, com quem tive o privilégio de conhecer na universidade, um enorme obrigada à Sílvia, Joana, Catarina, Mafalda e Ana por me terem acompanhado do início ao fim neste longo percurso académico, tornando-o mais interessante.

À Aurora Ferreira, obrigada pelas palavras de motivação nos momentos em que eu mais desanimava e por ter estado diariamente comigo. Obrigada por toda a amizade.

À minha “parceira de dissertação” Lúcia Osório, por todo o apoio ao longo deste trabalho, obrigado pelas palavras de motivação, desabafos, dúvidas, esclarecimentos e correções.

Por último, quero agradecer a todos(as) os(as) participantes, estudantes universitários, que contribuíram, de forma imensurável, neste estudo.

A todos, acima referidos, obrigada de coração, por me terem enriquecido e fazerem parte da minha vida pessoal, académica e profissional.

Índice

Resumo	V
Abstract	VI
Dedicatória	VIII
Agradecimentos	IX
Índice de Tabelas	XI
Índice de Figuras	XIII
Índice de Anexos	XIV
Lista de Acrónimos	XV
Introdução Geral	1
Artigo 1	5
A ocorrência do stalking e do cyberstalking em estudantes universitários: Uma revisão sistemática da literatura	6
Artigo 2	43
Stalking cyberstalking: Coocorrência e padrões de vitimação em estudantes universitários	44
Conclusão Geral	80
Referências	83
Anexos	

Índice de Tabelas

Artigo 1. A ocorrência do stalking e do cyberstalking em estudantes universitários: Uma revisão sistemática da literatura

Tabela 1. <i>Instrumentos utilizados pelos estudos empíricos referentes à ocorrência do stalking em estudantes universitários</i>	24
Tabela 2. <i>Instrumentos utilizados pelos estudos empíricos referentes à ocorrência do cyberstalking em estudantes universitários</i>	25
Tabela 3. <i>Taxas de prevalências da vitimação do stalking ao longo da vida, desde a entrada do estudante na universidade e no último ano</i>	26
Tabela 4. <i>Taxas de prevalências da vitimação do cyberstalking ao longo da vida</i>	27
Tabela 5. <i>Relação entre o(a) stalker e a vítima</i>	28
Tabela 6. <i>Comportamentos perpetrados pelo(a) stalker</i>	28
Tabela 7. <i>Relação entre o(a) cyberstalker e a vítima</i>	29
Tabela 8. <i>Comportamentos perpetrados pelo(a) cyberstalker</i>	30

Artigo 2. Stalking cyberstalking: Coocorrência e padrões de vitimação em estudantes universitários

Tabela 1. <i>Caraterização sociodemográfica da amostra total quanto ao sexo, grupos etários, região, habilitações literárias, estado civil e situação amorosa</i>	55
Tabela 2. <i>Caraterização sociodemográfica da amostra total quanto às dinâmicas e atividades universitárias</i>	57
Tabela 3. <i>Seções e variáveis da versão adaptada do IVS</i>	59
Tabela 4. <i>Prevalência da vitimação por stalking, cyberstalking e respetiva coocorrência</i>	62

Tabela 5. <i>Caraterização sociodemográfica das vítimas de stalking e ciberstalking</i>	64
Tabela 6. <i>Características sociodemográficas das vítimas de stalking e ciberstalking quanto às dinâmicas e atividades universitárias.....</i>	66
Tabela 7. <i>Prevalência da caraterização da experiência e número de stalkers por vítima.....</i>	67
Tabela 8. <i>Caracterização dos(as) agressores(as) de stalking e ciberstalking.....</i>	68
Tabela 9. <i>Prevalência dos comportamentos de vitimação por stalking</i>	69
Tabela 10. <i>Prevalência dos comportamentos de vitimação por ciberstalking.....</i>	70

Índice de Figuras

Artigo 1. A ocorrência do stalking e do cyberstalking em estudantes universitários: Uma revisão sistemática da literatura

Figura 1. <i>Fluxograma</i>	19
-----------------------------------	----

Índice de Anexos

Anexo A

- Pedido de autorização para aplicação do Inventário de Vitimação por Stalking e da Escala de Avaliação de Cyberstalking

Anexo B

- Questionário sociodemográfico

Lista de Acrónimos

EAC – Escala de Avaliação de Cyberstalking

GPS – Global Positioning System

IVS – Inventário de Vitimação por Stalking

PDA – Personal Data Assistant

SPSS – Statistical Package for the Social Sciences

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

Introdução Geral

A presente investigação incide sobre o estudo do stalking e do cyberstalking, designadamente na sua coocorrência e nos respetivos padrões de vitimação em estudantes universitários. O stalking é considerado como uma forma de violência interpessoal e define-se como um conjunto de comportamentos de assédio persistente, no qual o perpetrador estabelece diversas formas de vigilância, comunicações, monitorização e contactos não desejados à vítima, sendo perçecionadas de uma forma ameaçadora, capazes de comprometer a qualidade de vida da vítima (Grangeia & Matos, 2010; Mullen, Pathé, & Purcell, 2001).

Recentemente, verificou-se que o stalking também está presente no estabelecimento de relações e contactos interpessoais de modo *online*, sendo que o risco desta forma de vitimação aumentou devido ao crescimento acentuado das tecnologias de informação e comunicação (TIC) (Bocij & McFarlane, 2003; Spitzberg & Hoobler, 2002).

Os fenómenos de stalking e cyberstalking apresentam as mesmas características: um padrão de comportamentos, repetidos, intencionais e não desejados pela vítima (Spitzberg & Cupach, 2007). No entanto, o cyberstalking apresenta características mais específicas em relação ao stalking, nomeadamente não requer que o ofensor e a vítima estejam situados na mesma área geográfica, as TIC permitem que o perpetrador não revele a sua identidade (Bocij, 2004; Bocij & McFarlane, 2003) como também possibilita que este instigue outras pessoas a assediar ou perseguir a vítima, sendo esta forma de assédio caracterizada de stalking por procuração (*stalking by proxy*) (Reyns, Henson & Fisher, 2012; White & Carmody, 2016).

Desta forma, o stalking e o cyberstalking constituem um problema social e de saúde pública (Sheridan & Scott, 2010), constituindo um motivo de preocupação por parte da sociedade e da comunidade científica (Grangeia & Matos, 2011), principalmente em estudantes universitários. A população universitária é considerada a mais vulnerável aos dois

tipos de vitimação, apresentando taxas de prevalência mais elevadas relativamente à população em geral (e.g., Björklund, Häkkänen-Nyholm, Sheridan, & Roberts, 2010; Fisher, Cullen, & Turner, 2002; Jordan, Wilcox, & Pritchard, 2007; White & Carmody, 2016). Face ao exposto, entende-se que o stalking e o cyberstalking estão associados, justificando a pertinência de estudar o paralelismo entre ambos os fenómenos, dado a escassez de investigações, quer a nível internacional e nacional, fornecendo um contributo para a construção de saber, acerca da ocorrência e coocorrência de ambos os fenómenos.

Um dos primeiros estudos publicados acerca do stalking em estudantes universitários foi desenvolvido por Fisher e colaboradores (2002), verificou-se que 13.1% da amostra identificaram-se como vítimas de stalking, descrevendo o(a) ofensor(a) como sendo do sexo masculino (97.6%), decorrendo de uma relação íntima atual ou anterior (42.9%), sendo os comportamentos mais frequentes as tentativas de contactos indesejados, aparecer em locais frequentados pela vítima e perseguição. Mais recentemente e no contexto nacional, foi possível averiguar, com uma amostra de 91 estudantes universitários, do sexo masculino, de natureza qualitativa, concluiu que 96% dos participantes experienciou, pelo menos, um comportamento de stalking ao longo da sua vida, com uma média de 14 comportamentos de stalking por estudante, reforçando e concluindo que este tipo de vitimação é um problema significativo entre os estudantes universitários (Pereira, Matos, Sheridan, & Scott, 2014).

No que concerne ao fenómeno de cyberstalking em estudantes universitários, um dos primeiros estudos foi realizado por Spitzberg e Hoobler (2002), utilizando uma amostra de 235 estudantes universitários, em que concluíram que um terço da amostra referiu ter sido alvo de comportamentos de assédio através de meios eletrónicos, sendo os comportamentos mais frequentes o envio de objetos de afeto, envio de mensagens exageradas de afeto e o envio de mensagens carentes ou exigentes. Recentemente, White e Carmody (2016) concluíram que 19% dos estudantes universitários referiram ter sido vítimas de cyberstalking,

averiguando que a maioria das vítimas são do sexo feminino. No contexto nacional, o primeiro estudo acerca do cyberstalking em estudantes universitários foi desenvolvido por Carvalho (2011), com uma amostra de 111 estudantes universitários, de ambos os sexos, concluiu que 74.8% dos participantes experienciaram, pelo menos, um comportamento de cyberstalking, sendo os comportamentos mais frequentes o envio de mensagens exageradas de afeto, envio de mensagens excessivamente carentes ou exigentes e o envio de objetos de afeto.

A estrutura da presente dissertação é constituída por uma introdução geral, dois artigos científicos, os quais se pretendem submeter para publicação em revistas da especialidade, tendo como objetivo estudar a coocorrência de ambos os fenómenos em estudantes universitários, e, por último, uma conclusão geral.

O primeiro artigo científico denomina-se “A ocorrência do stalking e do cyberstalking em estudantes universitários: Uma revisão sistemática da literatura”, sendo de índole teórica e com a principal finalidade de identificar e caracterizar os trabalhos científicos sobre a ocorrência de ambos os fenómenos em estudantes do ensino universitário de forma a sistematizar os principais resultados obtidos. Assim, procurou-se dar resposta à questão de investigação: o que é que a literatura informa sobre a ocorrência do stalking e cyberstalking em estudantes universitários? É importante referir que apesar de não existirem estudos sobre a coocorrência do stalking e do cyberstalking em estudantes universitários, optou-se por realizar uma revisão sistemática da literatura sobre a ocorrência do stalking e do cyberstalking em estudantes universitários.

O segundo artigo científico intitula-se “Stalking e cyberstalking: coocorrência e padrões de vitimação em estudantes universitários” e obedece a um desenho exploratório, descritivo, correlacional e transversal, de natureza quantitativa. Neste sentido, procurou-se dar resposta às seguintes questões de investigação: i) As vítimas de stalking tendem a ser também vítimas

de cyberstalking?; ii) Quais as características das vítimas de stalking e cyberstalking?; iii) Quais as características dos agressores de stalking e cyberstalking?; iv) Que padrões de ocorrências de stalking e cyberstalking se podem identificar no contexto universitário? Por último, foram apresentadas as principais conclusões, mencionando as principais limitações e sugestões do desenvolvimento de estudos futuros, destacando a necessidade da prevenção e intervenção de ambos os fenómenos na população em geral e em estudantes universitários.

Artigo 1

**A Ocorrência do *Stalking* e do *Cyberstalking* em Estudantes Universitários: Uma
Revisão Sistemática da Literatura**

**A Ocorrência do Stalking e Cyberstalking em Estudantes Universitários: Uma Revisão
Sistemática da Literatura**

Sara A. Pires, Ana I. Sani, & Cristina B. Soeiro

Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal, & Instituto Superior de Ciências da Saúde
Egas Moniz, Monte da Caparica, Portugal

Resumo

No contexto internacional, o stalking e o cyberstalking têm sido cada vez mais reconhecidos por parte da comunidade científica, apresentando um crescimento por parte da investigação sobre o fenómeno, caracterizado como um problema de saúde pública e com implicações jurídico-legais. O presente artigo tem como objetivo realizar uma revisão sistemática da literatura existente sobre a ocorrência do stalking e do cyberstalking em estudantes do ensino universitário. Neste sentido, concluímos que predominam os estudos quantitativos de natureza transversal, recorrendo a *designs* exploratórios, descritivos e correlacionais, centrados na vítima. Os instrumentos mais utilizados para avaliar ambos os fenómenos são diversos, porém todos recorrem a inventários de autorrelato. Em relação à prevalência de ambos os fenómenos, os valores obtidos nos estudos são bastante elevados e dispersos. Em ambos os fenómenos, as dinâmicas e os comportamentos revelam que as vítimas são do sexo feminino, os ofensores pertencem maioritariamente ao sexo masculino, decorrendo de uma relação de intimidade ou por pessoas conhecidas (e.g., colega, familiar, vizinho). As áreas mais afetadas, no stalking e no cyberstalking, foram a saúde psicológica e física, com consequências nos estilos de vida e economia dos estudantes universitários. Quanto às respostas à vitimação, as fontes de apoio informal foram as mais ativadas pelas vítimas. Por fim, apresentamos as contribuições e limitações da presente revisão sistemática da literatura.

Palavras-chave: stalking, cyberstalking, vitimação, estudantes universitários.

Abstract

The recognition by the international scientific community of the stalking and cyberstalking occurrence growth and development, led to an increase in the research of this phenomena, which is currently characterized as a public health problem and with legal significance. Therefore, this paper represents a systematic review of the present publications on stalking and cyberstalking occurrence between college students. Confirming the predominance of cross-sectional studies and using exploratory, correlational and descriptive designs focused on the victim, the most common instruments used in order to evaluate the both phenomena are diverse, but all rely on a self-reporting inventories. The prevalence of stalking and cyberstalking reported are high and disperse. Further analysing of stalking and cyberstalking and the respective human dynamics and behaviour, indicate that the common victims are identified as female gender. The offenders are mostly characterized as males and these phenomena commonly derive from an intimate relationship or interaction with other individuals on a daily basis (e.g., class colleague, family member or neighbour). The occurrence of stalking and cyberstalking mostly affect psychological and physical health and also consequences to the students' lifestyle and economic state. As for the answers of victimization, the most recurred sources of support were of informal type. Conclusively, contributions and limitations that result from this subject's systematic review are presented in this paper.

Keywords: stalking, cyberstalking, victimization, college students.

Introdução

O stalking tem sido reconhecido por parte da comunidade científica internacional a partir dos anos 90 do século XX, apresentando um crescimento por parte da investigação sobre o fenómeno, estando instituído nas esferas científicas, legais e sociais (Grangeia & Matos, 2010). Em Portugal, ainda que mais tardiamente, a investigação iniciou-se em 2009, com a realização do inquérito de vitimação por stalking, concluindo que esta experiência de vitimação reflete as tendências internacionais (Matos, Grangeia, Ferreira, & Azevedo, 2011).

Neste sentido, com a evolução das tecnologias de informação e comunicação (TIC) o contacto entre as pessoas permitiu uma maior probabilidade de ocorrer intrusão. Deste modo, desenvolveu-se um fenómeno análogo ao stalking: o cyberstalking (Spitzberg & Hoobler, 2002). Este fenómeno caracteriza-se pela tentativa persistente de uma pessoa, o *ciberstalker*, que recorre à utilização das tecnologias de informação e comunicação para assediar alguém (Reyns, Henson, & Fisher, 2012; Sheridan & Grant, 2007).

A presente revisão sistemática da literatura é constituída por duas partes essenciais: inicialmente será realizada uma breve abordagem teórica sobre os fenómenos de stalking e cyberstalking. A segunda parte tem como principal finalidade identificar e caracterizar os trabalhos científicos sobre a ocorrência do stalking e do cyberstalking em estudantes do ensino universitário de forma a sistematizar os principais resultados obtidos. Neste sentido, indaga-se a seguinte questão de investigação: o que é que a literatura informa sobre a ocorrência do stalking e cyberstalking em estudantes universitários?

Assim, com este trabalho pretendemos que contribua para a partilha e o desenvolvimento do conhecimento científico no âmbito da Vitimologia, na comunidade científica, e nos profissionais que intervêm junto das vítimas e ofensores.

Compreensão dos Fenômenos de Stalking e Cyberstalking

Conceptualização de Stalking

O stalking é considerado como uma forma de violência interpessoal e descrito como um conjunto de comportamentos de assédio persistente, no qual o(a) *stalker* estabelece diversas formas de vigilância, comunicações, monitorização e contatos não desejados à vítima, sendo estas condutas percebidas de uma forma ameaçadora, capazes de comprometer a qualidade de vida da vítima (Grangeia & Matos, 2010; Mullen, Pathé, & Purcell, 2001).

Segundo Sheridan, Blaauw e Davies (2003) estas condutas podem consistir em ações rotineiras e inofensivas (e.g., oferecer presentes, realizar chamadas telefônicas, enviar mensagens escritas) ou em ações intimidatórias (e.g., perseguição, envio de mensagens ameaçadoras) tendo um impacto negativo na vida quotidiana da vítima. O conjunto de comportamentos de stalking tende a escalar em frequência e agressividade, podendo associar-se a outras formas de violência, sobretudo ameaças e agressões psicológicas, físicas e sexuais (Alexy, Burgess, Baker, & Smoyak, 2005; Cupach & Spitzberg, 2004).

O stalking é perpetrado por alguém que possui uma obsessão pela vítima. A tipologia desenvolvida por Mullen, Pathé, Purcell e Stuart (1999) é considerada como maior potencial compreensivo, reconhecendo cinco tipos de *stalkers*. O *stalker* rejeitado ocorre no âmbito de uma relação de intimidade, tendo como objetivo vingar-se ou reconciliar-se com a vítima, o *stalker* ressentido tem como principal objetivo o desejo de vingança ou retaliação, pois sente que foi prejudicado ou injustiçado. O *stalker* em busca de intimidade (*intimacy seeker*) procura estabelecer uma relação de intimidade, cujas características fantasiaram ou idealizaram na vítima. O *stalker* incompetente (*incompetent suitor*) tem como finalidade iniciar uma relação por se sentir atraído fisicamente ou amorosamente pelo alvo. Por fim, o *stalker* predador procura recolher informações sobre a vítima para posteriormente a agredir de forma sexual.

Neste sentido, os comportamentos de stalking têm uma progressão que aumentam de intensidade e frequência, quanto às estratégias utilizadas pelos(as) agressores(as), Spitzberg e Cupach (2007) identificaram oito tipologias comportamentais, entre as quais os comportamentos de hiperintimidade, os contatos de interação pessoal, estratégias de vigilância, a invasão, o assédio e a intimidação, a coerção e ameaça, e a tipologia agressão e violência. Os comportamentos de hiperintimidade configuram um conjunto de expressões excessivas ou inapropriadas (e.g., oferecer presentes) para com a vítima. Os contactos mediados constituem formas de comunicação através da utilização das TIC (e.g., correio eletrónico, telemóvel). Os contactos de interação pessoal compreendem o contacto direto (e.g., aproximação física, aparecer nos locais que a vítima costuma frequentar) ou indireto (e.g., abordar pessoas conhecidas da vítima). As estratégias de vigilância envolvem a monitorização e a tentativa de obter informações sobre a vítima. Já a invasão refere-se à intrusão e violação da privacidade do alvo (e.g., invasão de propriedade, roubo). O assédio e a intimidação dizem respeito a um conjunto de ameaças verbais ou não verbais que têm como objetivo incomodar a vítima (e.g., espalhar rumores). A coerção e a ameaça consistem em comportamentos que têm como finalidade causar danos à vítima (e.g., ameaças à vida da vítima ou a terceiros). Por fim, a agressão e violência envolvem ações intencionais que causam danos na vítima ou terceiros (e.g., violência física, sexual).

Qualquer pessoa pode ser vítima de stalking ao longo da sua vida, independentemente do sexo, idade, etnia, orientação sexual ou classe social. Pathé, Mullen e Purcell (2001) tipificaram as vítimas de stalking em oito grupos, sobre o contexto da ocorrência, a relação com a vítima e o(a) *stalker*. As vítimas de ex-parceiros são perseguidas e assediadas pelo seu antigo parceiro íntimo, a maioria destas vítimas pertencem ao sexo feminino. A vitimação por conhecidos ou amigos, geralmente ocorre após um encontro casual, no qual o(a) *stalker* procura estabelecer uma relação de intimidade com o alvo. A vitimação no contexto de uma

relação profissional de apoio, envolve determinadas profissões baseadas em relações de proximidade (e.g., professores, profissionais de saúde, advogados). As vítimas em contexto laboral, o(a) *stalker* (e.g., empregados, clientes) tem como principal finalidade estabelecer uma relação íntima ou ter sentimentos de retaliação e/ou vingança para com o alvo. As vítimas por desconhecidos, geralmente este tipo de alvos percebe com maior apreensão e medo o stalking. Na vitimação em celebridades, o(a) *stalker* tem como principais motivações estabelecer uma relação de intimidade, obter favores ou vingar-se da vítima. Por fim, as falsas vítimas, geralmente a vítima possui perturbações mentais ou tem como finalidade obter recompensas (e.g., monetárias).

As respostas das vítimas para lidar ou cessar os comportamentos de stalking podem ser diversas. Assim, Spitzberg e Cupach (2007) agruparam as estratégias de *coping* mais utilizadas pelas vítimas de stalking em cinco grupos: negociar com o perpetrador, confrontar o(a) *stalker*, evitar e afastar o(a) *stalker*, minimizar ou negar o problema e solicitar o apoio de terceiros.

Face ao exposto, destaca-se a necessidade da intervenção do sistema jurídico-legal, devido à proteção da integridade física e psicológica da vítima, bem como a repressão deste fenómeno. A atuação legal face ao stalking teve início nos Estados Unidos da América (EUA), na década de 90, influenciando a Austrália e o Canadá (Cupach & Spitzberg, 2014). Atualmente, no contexto europeu, a criminalização vigora em dez países, designadamente no Reino Unido, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Alemanha, Irlanda, Itália, Malta, Holanda e Portugal (Cupach & Spitzberg, 2014).

A criminalização do stalking em Portugal surge no ano de 2015 como consequência da ratificação da Convenção de Istambul. Deste modo, foi introduzido um aditamento ao Código Penal Português com vista à criação do novo tipo legal de crime de “Perseguição” (artigo 154-A), abrangendo também o fenómeno de cyberstalking, de natureza semipública, com uma

moldura de um a três anos de prisão, tendo este sido integrado no elenco dos crimes contra a liberdade pessoal (Diário da República Eletrónico, 2015).

Conceptualização de Cyberstalking

Nas últimas décadas, verificamos um crescimento das TIC, alterando a vida quotidiana das pessoas, com impactos e consequências, aos níveis pessoal e relacional (Cardoso & Lapa, 2015; White & Carmody, 2016). Spitzberg e Hoobler (2002) referem que evolução da tecnologia favoreceu o contacto entre pessoas e, em consequência, uma maior probabilidade de ocorrer intrusão, devido ao anonimato, facilidade de utilização, maior rapidez permitida pela internet e percepção de haver uma menor aplicação da legislação (Bocij & McFarlane, 2003). Assim, desenvolveu-se um fenómeno análogo ao stalking: o cyberstalking (Spitzberg & Hoobler, 2002).

O cyberstalking constitui uma nova forma de comportamento desviante (Bocij & McFarlane, 2003), definido como “o uso da Internet, correio eletrónico ou outro dispositivo eletrónico de comunicação para assediar outra pessoa” (US Attorney General, 1999, pp. 1). Uma outra definição caracteriza o cyberstalking como o conjunto de condutas persistentes e não desejadas, no qual um indivíduo, grupo de indivíduos ou organização recorre às tecnologias de informação e comunicação, tendo como finalidade assediar, intimidar ou ameaçar um indivíduo, grupo de indivíduos ou organização (Bocij, 2004; Reyns, et al., 2012; Sheridan & Grant, 2007)

Os comportamentos associados ao cyberstalking são praticados pela internet ou dispositivos com ligação à internet, principalmente através do computador pessoal, telemóveis, *Personal Data Assistants* (PDA), *Global Positioning System* (GPS), recorrendo também ao correio eletrónico, salas de *chat*, mensagens instantâneas, redes sociais, *blogs* ou *sites* (Finn, 2004; Reyns, et al., 2012).

Estes comportamentos podem ser exercidos de forma direta e indireta. Os comportamentos praticados de forma direta incluem o envio repetido de *e-mails*, mensagens instantâneas e/ou de texto de cariz pornográfico, intimidatório ou ameaças de violência física, psicológica e/ou emocional, colocar informações *online* sobre a vítima de teor difamatório, envio de vírus para o computador da vítima com a finalidade de danificar o seu respetivo sistema operativo e solicitar serviços ou produtos em nome da vítima (Finn, 2004; Spitzberg & Hoobler, 2002). Os comportamentos efetuados de modo indireto compreendem a pesquisa de informações pessoais da vítima com o objetivo posterior de a ameaçar ou assediar, assumir ou criar uma identidade fraudulenta, monitorizar as atividades eletrónicas e do computador pessoal da vítima, incentivar outras pessoas a assediar ou perseguir de forma persistente a vítima, sendo esta forma de cyberstalking designada stalking por procuração (Spitzberg & Hoobler, 2002).

No que diz respeito à caracterização dos(as) perpetradores(as) de cyberstalking existem duas perspetivas. A primeira perspetiva pertence a Bocij e McFarlane (2003) e a segunda é atribuída por Sheridan e Grant (2007). Assim, Bocij e McFarlane (2003) sugerem quatro tipologias de *ciberstalker*: o vingativo (*vindictive*), o calmo (*composed*), o íntimo (*intimate*) e o coletivo (*collective*). O *ciberstalker* vingativo é caracterizado por comunicar de forma ameaçadora e agressiva, podendo transportar o seu assédio para o mundo real. O *ciberstalker* calmo atua exclusivamente através da utilização das TIC, tendo como objetivo incomodar e irritar o alvo. O *ciberstalker* íntimo tem como finalidade estabelecer uma relação íntima com a vítima, podendo dividir-se em dois subgrupos, nomeadamente o ex-íntimo, procurando restabelecer a sua relação com a vítima e o apaixonado que tem como finalidade iniciar uma relação íntima. O *ciberstalker* coletivo é constituído por um grupo ou organização, tendo como objetivo perseguir e assediar a vítima. Por último, Sheridan e Grant (2007), apontam quatro tipos de *ciberstalkers*, designadamente o *ciberstalker* puro (*cyberstalking-only*),

atuando exclusivamente no ciberespaço, o *ciberstalker* que atua no ciberespaço e que transfere progressivamente o assédio para o mundo real (*cyberspace-to-realspace*), o *ciberstalker* que pratica os comportamentos de assédio no ciberespaço e no mundo real (*cyberspace-and-realspace*) e o stalker puro (*purely offline*) que atua exclusivamente no mundo real, porém este pode recorrer às TIC ao longo do assédio.

Vulnerabilidade dos Estudantes Universitários ao Stalking e Cyberstalking

Os estudantes universitários são considerados a população mais vulnerável à vitimação pelos fenômenos de stalking e cyberstalking, apresentando taxas de prevalência superiores à população em geral (Björklund, Häkkänen-Nyholm, Sheridan, & Roberts, 2010; Fisher, Cullen, & Turner, 2002), nas quais se situam entre os 8-25% no sexo feminino e entre os 2-13.3% no sexo masculino (Matos, Grangeia, Ferreira, & Azevedo, 2011; Tjaden & Thoennes, 1998). Ambos os fenômenos podem desenvolver-se devido a esta população ser constituída maioritariamente por jovens adultos e solteiros (Fisher, 2001; Reyns, et al., 2011) e através dos sentimentos de independência e com rotinas previsíveis no campus universitário (Björklund et al., 2010; Fisher et al., 2002), pois estes encontram-se frequentemente a assistir a aulas ou no campus universitário (Fisher, 2001).

Atualmente, a generalidade dos estudantes universitários recorre maioritariamente à utilização das TIC com o objetivo de estabelecer relações interpessoais e comunicar com amigos, colegas e professores, como também se tem transformado num espaço preferencial no processamento, armazenamento e transmissão de informação, necessários na sua formação académica. Kennedy e Taylor (2010) afirmam que 92% dos estudantes universitários utilizam as redes sociais e têm acesso à internet. No contexto nacional, dados estatísticos de 2015 revelam que 70% dos indivíduos, com idade compreendida entre os 16 e os 74 anos, tem acesso à internet em casa e 70% dos utilizadores de internet utilizam as redes sociais, sendo mais frequente por pessoas até aos 44 anos, do sexo masculino e que completaram o ensino

secundário ou universitário (Instituto Nacional de Estatística, 2015), estes dados indicam que a utilização do computador, internet e redes sociais foi superior em indivíduos que têm o ensino secundário ou universitário, tornando-os mais vulneráveis e a um aumento do risco de vitimação por cyberstalking.

Assim, verificamos que ambos os fenómenos de stalking e cyberstalking representam uma ameaça para os estudantes do ensino universitário, acarretando sérias e diversas consequências, nomeadamente nas relações interpessoais (Björklund et al., 2010) como também ao nível do seu sucesso académico, podendo provocar a transferência de universidade ou desistir do curso que este frequenta (McNamara & Marsil, 2012).

A presente revisão sistemática da literatura sobre a ocorrência do stalking e do cyberstalking em estudantes do ensino universitário tem como finalidades identificar e caracterizar os trabalhos científicos sobre a ocorrência do stalking e do cyberstalking em estudantes do ensino universitário de forma a sistematizar os principais resultados obtidos, colocando-se a seguinte questão de investigação: o que é que a literatura informa sobre a ocorrência do stalking e cyberstalking em estudantes universitários?. Por fim, pretendemos que este trabalho contribua para o conhecimento e o desenvolvimento científico e, consequentemente, para as práticas de intervenção dirigida a este tipo de população.

Metodologia

Procedimentos da Pesquisa

A pesquisa foi realizada nas seguintes bases de dados: *BioMed*, *B-On*, *Medline (Web of Knowledge)*, *PsicInfo (CSA)*, *PubMed*, *ScienceDirect* e *Sage*, de acordo com as seguintes palavras-chave: *(Stalking AND Cyberstalking AND College Students)*. Posteriormente, recorreu-se ao motor de busca *Google Scholar* com o objetivo de encontrar outros trabalhos que não constassem nas bases de dados. A pesquisa foi efetuada em Março de 2016.

É importante referir que foram utilizadas expressões mais abrangentes, todavia não encontramos nenhum resultado quando especificámos a pesquisa, utilizando outras palavras-chave: *Stalking AND (Cyberstalking OR “Online Harassment”) AND (“College Students” OR Undergraduate OR “University Students”)*.

Critérios de Inclusão e de Exclusão

Para a realização da presente revisão sistemática da literatura foram definidos critérios de inclusão e critérios de exclusão com a finalidade de seleccionar os estudos relevantes.

Critérios de inclusão: (a) publicações dos últimos 15 anos (2001-2016); (b) estudos escritos em Inglês, Português e Espanhol; (c) estudos com estudantes universitários, com idades a partir dos 18 anos; (d) estudos com amostras mistas (homens e mulheres); (e) estudos com amostras exclusivas ao sexo feminino; (f) estudos com amostras exclusivas ao sexo masculino; (g) estudos que focavam os fenómenos de stalking ou o cyberstalking em estudantes universitários; e (h) estudos quantitativos, estudos qualitativos ou estudos mistos.

Critérios de exclusão: (a) publicações com data anterior ao ano 2001; (b) estudos que não a língua inglesa, portuguesa ou espanhola; (c) estudos desenvolvidos que não com estudantes universitários, com idades inferiores aos 18 anos; (d) estudos não exclusivos à ocorrência do stalking e cyberstalking em estudantes universitários (e.g., cyberbullying); (e) estudos que analisavam os fenómenos de stalking e/ou cyberstalking como forma de violência nas relações íntimas em estudantes universitários.

Seleção dos Artigos

Na pesquisa foram identificados um total de 2578 resultados (368 na *B-on*, 2 na *PubMed*, 44 na *Sage*, 44 na *ScienceDirect* e 2120 no *Google*, nas restantes bases de dados não se obteve nenhum resultado). A seleção dos artigos decorreu em duas etapas (cf. Figura 1).

Primeira etapa.

Inicialmente procedeu-se a uma análise das primeiras 30 páginas no motor de busca *Google Scholar*, do total de 2120 resultados obtidos, sendo incluídos 15 estudos, consoante os critérios de inclusão e exclusão definidos. De seguida, fez-se uma análise dos 458 resultados, conseguidos através das restantes bases de dados (*B-on, Pubmed, Sage e ScienceDirect*). Desta forma foram excluídas 148 publicações pois não constituíam estudos empíricos ou teóricos (e.g., *websites*). O critério temporal (anterior ao ano de 2001) motivou a exclusão de 68 publicações e o critério do idioma (estudos escritos em inglês, português ou espanhol) justificou a exclusão de oito publicações. Um número significativo de estudos ($n=120$) não utilizava uma amostra com estudantes universitários (e.g., estudantes do ensino básico).

Foram, ainda, excluídas 79 publicações não exclusivas à ocorrência do stalking e/ou cyberstalking em estudantes universitários (e.g., cyberbullying em estudantes universitários, violência sexual em contexto universitário, utilização das TIC na população universitária) e 11 publicações que analisavam a ocorrência do stalking e/ou cyberstalking como forma de violência nas relações íntimas em estudantes universitários. Assim, desta primeira etapa foram selecionados 30 artigos para uma análise mais detalhada.

Segunda etapa.

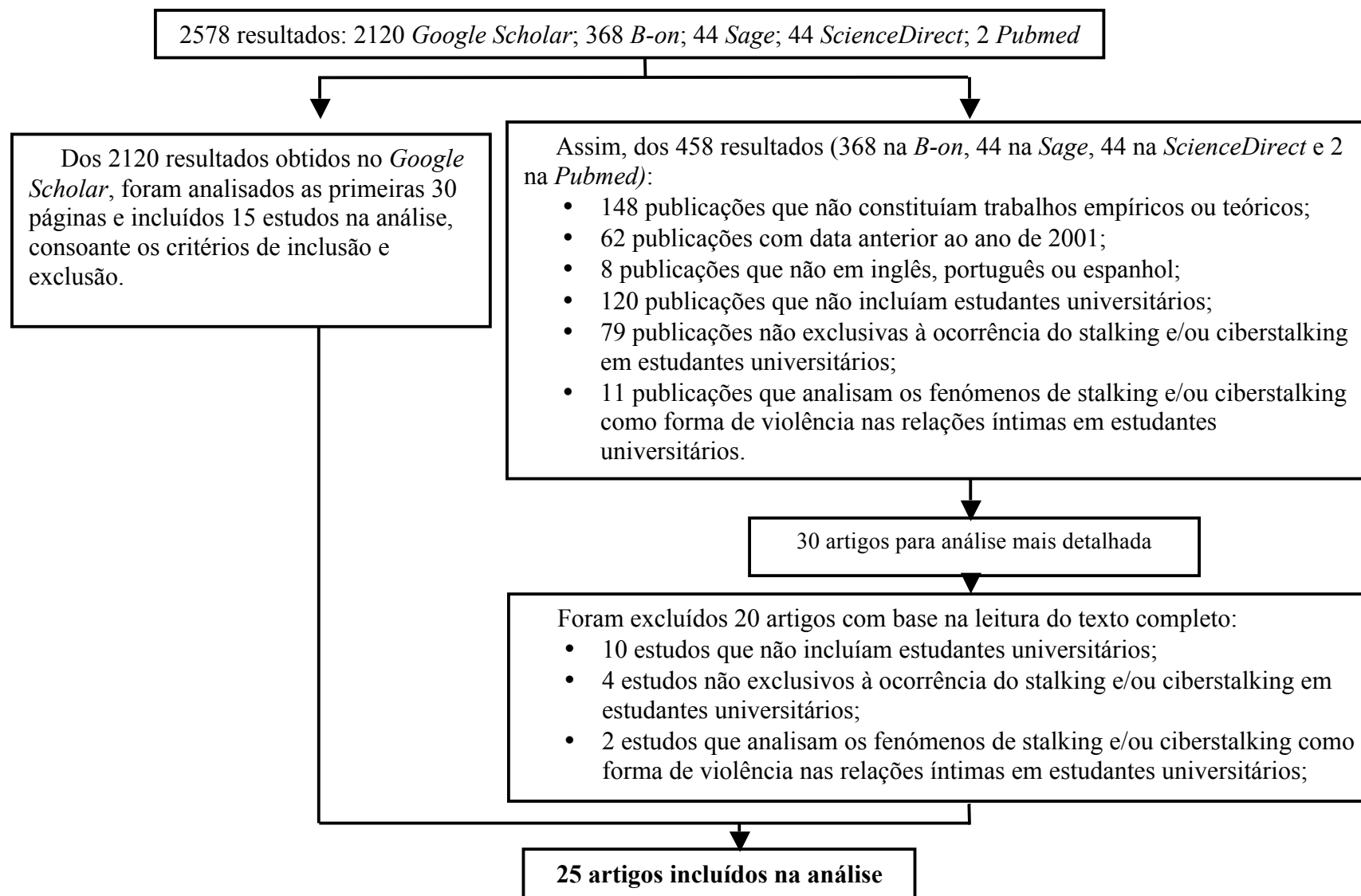
A segunda etapa de seleção teve como objetivo a leitura e análise integral dos 30 artigos que foram selecionados na primeira etapa. Deste modo, foram excluídos dez estudos que não utilizavam uma amostra com estudantes universitários, quatro estudos não exclusivos à ocorrência do stalking e/ou cyberstalking em estudantes universitários, dois trabalhos que analisavam os fenómenos de stalking e/ou cyberstalking como forma de violência nas relações íntimas em estudantes universitários e quatro artigos que se encontravam repetidos em duas bases de dados. Assim, desta segunda etapa resultaram a inclusão de dez artigos.

No total foram analisados 25 artigos (15 artigos selecionados através do *Google Scholar* e dez artigos obtidos através das restantes bases de dados). É importante referir que não foram obtidos estudos acerca da associação entre os dois conceitos, isto é, da coocorrência do stalking e do cyberstalking em contexto universitário.

Por fim, tendo em consideração os critérios de inclusão e exclusão, a seleção dos estudos nas duas etapas foi realizada a partir da leitura e análise de duas investigadoras, sendo que em caso de dúvidas recorreu-se a uma terceira investigadora.

Figura 1.

Fluxograma



Resultados

Apresentamos os resultados da análise descritiva dos 25 estudos empíricos selecionados, nomeadamente 11 estudos sobre a ocorrência do stalking em estudantes universitários e 14 estudos acerca do cyberstalking em estudantes universitários, no qual procedemos à extração dos dados mais relevantes.

Desta forma, foram analisados os dados referentes à data de publicação, o país onde o estudo foi realizado, o seu respetivo *design*, as características das amostras, os instrumentos de avaliação utilizados, indicadores de prevalência, as dinâmicas e comportamentos, o impacto na vítima, as respostas à vitimação e os resultados ou conclusões principais.

Aspetos Gerais da Investigação Desenvolvida

Tendo em consideração os objetivos da pesquisa, em relação à data de publicação dos estudos selecionados e à ocorrência do stalking em estudantes universitários, foram publicados cinco estudos entre os anos de 2002 (Fisher, Cullen, & Turner, 2002), 2006 (Amar, 2006), 2009 (Buhi, Clayton, & Surrency, 2009), 2010 (Björklund, Häkkänen-Nyholm, Sheridan, & Roberts, 2010) e 2012 (McNamara & Marsil, 2012); e seis estudos publicados entre os anos de 2007 (Jaishankar & Kosalai, 2007; Jordan, Wilcox, & Pritchard, 2007), 2013 (Geistman, Smith, Lambert, & Cluse-Tolar, 2013; Jutras, Edwards, & Sylaska, 2013) e 2014 (Maran, Zedda, Varetto, & Munari, 2014; Pereira, Matos, Sheridan, & Scott, 2014).

No que se refere à data de publicação dos estudos e à ocorrência do cyberstalking na população universitária, foram publicados sete estudos entre os anos de 2002 (Spitzberg & Hoobler, 2002), 2004 (Finn, 2004), 2005 (Alexy, Burgess, Baker, & Smoyak, 2005), 2008 (Hensler-McGinnis, 2008), 2009 (Paulet, Rota & Swan, 2009), 2011 (Carvalho, 2011) e 2016 (White & Carmody, 2016); dois estudos publicados no ano de 2010 (Kennedy & Taylor, 2010; Reyns, 2010), dois estudos publicados em 2015 (Carrasquinho, 2015; Heinrich,

2015); e três estudos publicados no ano de 2012 (Curtis, 2012; Lindsay & Krysik, 2012; Reyns, Henson, & Fisher, 2012).

Dos 11 trabalhos de investigação empírica selecionados sobre a ocorrência do stalking em estudantes do ensino universitário, sete estudos foram desenvolvidos nos EUA, um na Finlândia (Björklund et al., 2010), um na Índia (Jaishankar & Kosalai, 2007), um na Itália (Maran et al., 2014) e um em Portugal (Pereira et al., 2014).

No que concerne à ocorrência do cyberstalking em estudantes do ensino universitário, foram analisados 14 trabalhos de investigação empírica, entre estes doze estudos desenvolvidos nos EUA e dois em Portugal (Carrasquinho, 2015; Carvalho, 2011).

Dos vinte e cinco trabalhos empíricos sobre a ocorrência do stalking e do cyberstalking em estudantes universitários, vinte e três estudos são de natureza quantitativa e dois estudos qualitativos (Pereira et al., 2014; White & Carmody, 2016), tendo como principais finalidades averiguar a prevalência, dinâmicas e comportamentos, impacto na vítima e as respetivas respostas à vitimação.

Os 25 trabalhos quantitativos e qualitativos adotaram um *design* exploratório, descritivo e correlacional.

No que diz respeito aos 11 trabalhos sobre a ocorrência do stalking em estudantes universitários, de natureza quantitativa e qualitativa, oito estudos procuraram analisar o fenómeno numa perspetiva ao longo da vida (vitimação passada e atual) (e.g., Amar, 2006; Björklund et al., 2010; Jaishankar & Kosalai, 2007), um trabalho utilizou como período de referência o último ano (Fisher et al., 2002), um estudo procurou averiguar a vitimação desde a entrada do estudante na universidade (Buhi, Clayton, & Surrency, 2009) e um trabalho utilizou três períodos de referência, designadamente a vitimação ao longo da vida, desde a entrada do estudante na universidade e durante o último ano (Jordan, Wilcox, & Pritchard, 2007).

Dos 14 trabalhos acerca da ocorrência do cyberstalking em estudantes universitários, de natureza quantitativa e qualitativa, todos estes estudos procuraram analisar o fenómeno numa perspetiva ao longo da vida (vitimação passada e atual).

Relativamente ao contexto de recrutamento, os vinte e três trabalhos quantitativos sobre a ocorrência do stalking e do cyberstalking em estudantes universitários adotaram um processo de amostra por conveniência (população universitária).

Caraterísticas das amostras.

No que se refere à constituição das amostras dos estudos quantitativos sobre a ocorrência do stalking em estudantes universitários, ao nível do sexo, seis trabalhos recorreram a amostras exclusivas de mulheres (Amar, 2006; Buhi et al., 2009; Fisher et al., 2002; Jaishankar & Kosalai, 2007; Jordan et al., 2007; Jutras et al., 2013), quatro apresentaram amostras mistas (Björklund et al., 2010; Geistman et al., 2013; Maran et al., 2014; McNamara & Marsil, 2012) e um estudo, de natureza qualitativa, recorreu a uma amostra exclusiva de homens (Pereira et al., 2014). Em termos de dimensão das amostras, os trabalhos quantitativos variavam entre 142 (Maran et al., 2014) e os 4446 estudantes universitários (Fisher et al., 2002), sendo que no estudo de Pereira e colaboradores (2014), de natureza qualitativa, participaram 91 estudantes. No que diz respeito à inclusão de outras variáveis sociodemográficas (e.g., etnia ou orientação sexual), todos os estudos concluíram que os estudantes eram predominantemente solteiros, de raça caucasiana e habitavam maioritariamente com os pais ou família, não havendo estudos que procurassem comparar diferentes níveis socioeconómicos, orientação sexual, grupos étnicos ou culturais.

Relativamente à constituição das amostras dos trabalhos, de natureza quantitativa e qualitativa, sobre a ocorrência do cyberstalking em estudantes universitários, ao nível do sexo, todos os estudos utilizaram amostras mistas (e.g., Carvalho, 2011; Finn, 2004; Kennedy & Taylor, 2010). No que diz respeito à dimensão das amostras, os estudos variavam entre 111

(Carvalho, 2011) e os 1040 estudantes do ensino universitário (Heinrich, 2015), sendo que no estudo de White e Carmody (2016), de natureza qualitativa, participaram 41 estudantes. No que concerne à inclusão de outras variáveis sociodemográficas, similarmente aos estudos que se concentram na ocorrência do stalking em contexto universitário, os estudantes são maioritariamente solteiros, de raça caucasiana e residiam com os seus pais ou família.

Instrumentos utilizados.

Todos os estudos, de natureza quantitativa e qualitativa, relativos à ocorrência do stalking em estudantes universitários recorrem a medidas de autorrelato, para aferir a vitimação por stalking. Porém, observou-se uma grande variabilidade nos instrumentos utilizados, destacando-se o *National Violence Against Woman (NVAW)*, *Stalking: International Perceptions and Prevalence* (Sheridan, Davies, & Boon, 2001), *National College Women Sexual Victimization (NCWSV)* (Belknap, Fisher, & Cullen, 1999), *Obsessional Relational Intrusion (ORI)* (Spitzberg, Marshal, & Cupach, 2001), *The Network for Surviving Stalking (NSS)* (Sheridan, 2004) e instrumentos desenvolvidos pelos próprios investigadores (Fisher et al., 2002; Geistman et al., 2013). De acordo à sintomatologia associada à ocorrência do stalking em estudantes universitários, o estudo de Amar (2006) procurou avaliar a presença de sintomatologia psicopatológica (*Symptom Checklist 90 – Revised*) (cf. Tabela 1).

Os instrumentos utilizados nos estudos referentes à ocorrência do stalking em população universitária foram administrados via telefone (Fisher et al., 2002; Jordan et al., 2007), pela internet (Amar, 2006; Björklund et al., 2010; Buhi et al., 2009; Geistman et al., 2013; Jaishankar & Kosalai, 2007; Jutras et al., 2013; McNamara & Marsil, 2012) ou pessoalmente (Maran et al., 2014; Pereira et al., 2014), sendo a participação e o preenchimento do instrumento de forma voluntária, garantindo o anonimato do estudante universitário.

Tabela 1

Instrumentos utilizados pelos estudos empíricos referentes à ocorrência do stalking em estudantes universitários (n=11)

Instrumentos utilizados	Autor(es) e (Ano)
<i>Stalking: International Perceptions and Prevalence</i> (Sheridan, Davies, & Boon, 2001)	Björklund, Häkkänen-Nyholm, Sheridan, & Roberts (2010); Pereira, Matos, Sheridan, & Scott (2014).
<i>National Violence Against Woman</i> (NVAW); <i>National College Women Sexual Victimization</i> (NCWSV) (Belknap, Fisher, & Cullen, 1999)	Amar (2006); McNamara & Marsil (2012). Buhi, Clayton, & Surrency (2009); Jordan, Wilcox, & Pritchard (2007).
<i>The Network for Surviving Stalking</i> (NSS) (Sheridan, 2004)	Jaishankar & Kosalai (2007); Maran, Zedda, Varetto, & Munari (2014).
Os investigadores desenvolveram o seu próprio instrumento	Fisher, Cullen, & Turner (2002); Geistman, Smith, Lambert, & Cluse-Tolar (2013).
<i>Obsessional Relational Intrusion</i> (ORI) (Spitzberg, Marshal, & Cupach, 2001)	Jutras, Edwards, & Sylaska (2013).

Todos os estudos, de natureza quantitativa e qualitativa, relativos à ocorrência do cyberstalking em estudantes universitários recorrem a medidas de autorrelato, para aferir a vitimação por cyberstalking. A maioria dos investigadores desenvolve o seu próprio questionário (e.g., Alexy et al., 2005; Fin, 2004; White & Carmody, 2016), não disponibilizando o instrumento em anexo no estudo. Porém, destacam-se os seguintes instrumentos: *Cyber Obsessional Pursuit* (Spitzberg & Cupach, 1999), Escala de Avaliação de Cyberstalking (Carvalho & Matos, 2010) e *Obsessive Relational Intrusion-50* (ORI-50) (Cupach & Spitzberg, 2004). Para além da utilização dos instrumentos sobre o cyberstalking, Carrasquinho (2015) também utiliza a Escala de *Coping* no Stalking com o objetivo de avaliar as estratégias utilizadas pela vítima para lidar com a ameaça resultante do cyberstalking (cf. Tabela 2).

Os instrumentos utilizados nos trabalhos relativos à ocorrência do cyberstalking em estudantes universitários foram administrados pela internet (Alexy et al., 2005; Carrasquinho, 2015; Curtis, 2012; Heinrich, 2015; Hensler-McGinnis, 2008; Lindsay & Krysik, 2012; Reyns, 2010; Reyns et al., 2012) ou pessoalmente (Carvalho, 2011; Finn, 2004; Pullet et al., 2009; Kennedy & Taylor, 2010; Spitzberg & Hoobler, 2012; White & Carmody, 2016), sendo a participação e o preenchimento do instrumento de forma voluntária, garantindo o anonimato do estudante universitário.

Tabela 2

Instrumentos utilizados pelos estudos empíricos referentes à ocorrência do cyberstalking em estudantes universitários (n=14).

Instrumentos utilizados	Autor(es) e (Ano)
Instrumento desenvolvido pelo(s) próprio(s) investigador(es)	Alexy, Burgess, Baker, & Smoyak (2005); Finn (2004); Heinrich (2015); Kennedy & Taylor (2010); Lindsay & Krysik (2012); Pullet, Rota, & Swan (2009); Reyns (2010); Reyns, Henson, & Fisher (2012); White & Carmody (2016).
<i>Cyber Obsessional Pursuit</i> (Spitzberg & Cupach, 1999)	Hensler-McGinnis (2008); Spitzberg & Hoobler (2002).
Escala de Avaliação de Cyberstalking (Carvalho & Matos, 2010)	Carrasquinho (2015); Carvalho (2011).
<i>Obsessive Relational Intrusion-50</i> (ORI-50) (Cupach & Spitzberg, 2004)	Curtis (2012).

Indicadores de prevalência.

A determinação das taxas de prevalência de vitimação dos fenômenos de stalking e cyberstalking em estudantes universitários assumiu-se como uma das principais finalidades empíricas em dez estudos acerca do stalking (Amar, 2006; Björklund et al., 2010; Buhi et al., 2009; Fisher et al., 2002; Geistman et al., 2013; Jaishankar & Kosalai, 2007; Jordan et al., 2007; Maran et al., 2012; McNamara & Marsil, 2012; Pereira et al., 2014) e em sete estudos (Carrasquinho, 2015; Carvalho, 2011; Hensler-McGinnis, 2008; Lindsay & Krysik, 2012; Pullet et al., 2009; Reyns et al., 2012; White & Carmody, 2016) sobre o cyberstalking, de

acordo com vários períodos de referência de vitimação, designadamente, indicadores de prevalência ao longo da vida do estudante, desde a sua entrada na universidade e desde o último ano.

Relativamente à ocorrência do stalking em estudantes universitários, os indicadores de prevalência da vitimação ao longo da vida variam entre os 12% (McNamara & Marsil, 2012) e os 96% (Pereira et al., 2014). Relativamente ao indicador de prevalência de vitimação desde a entrada do estudante na universidade, este situa-se nos 19.9% (Buhi et al., 2009). Fisher e colaboradores (2002) encontraram uma prevalência de 15% de estudantes vítimas de stalking tendo como período de referência o último ano. Por último, Jordan e colaboradores (2007) utilizaram no seu estudo três períodos de referência de vitimação por stalking, sendo 40.4% de vitimação por stalking ao longo da vida, 18% de vitimação desde a entrada do estudante na universidade e 11.3% de vitimação tendo como período de referência o último ano (cf. Tabela 3).

Tabela 3

Taxas de prevalências da vitimação do stalking ao longo da vida, desde a entrada do estudante na universidade e no último ano

Autor(es) e data	Taxa de prevalência do stalking ao longo da vida
Pereira et al., 2014	96%
Jordan et al., 2007	40.4%
Geistman et al., 2013	35%
Jaishankar & Kosalai, 2007	27.8%
Maran et al., 2014	25.3%
Amar, 2006	25%
Björklund et al., 2010	22.3%
McNamara & Marsil, 2012	12%
Autores(es) e data	Taxa de prevalência do stalking desde a entrada do estudante na universidade
Buhi et al., 2009	19.9%
Jordan et al., 2007	18%
Autor(es) e data	Taxa de prevalência do stalking no último ano
Fisher et al., 2002	15%
Jordan et al., 2007	11.3%

Os dados de prevalência da ocorrência do cyberstalking na população universitária, apenas consideraram o período de referência de vitimação ao longo da vida, situando-se entre os 13% (Paulet, Rota, & Swan, 2009) e os 74.8% (Carvalho, 2011) (cf. Tabela 4).

Tabela 4

Taxas de prevalências da vitimação do cyberstalking ao longo da vida

Autor(es) e data	Taxa de prevalência do cyberstalking ao longo da vida
Carvalho, 2011	74.8%
Carrasquinho, 2015	69.1%
Hensler-McGinnis, 2008	45.6%
Lindsay & Krysik, 2012	43.3%
Reyns et al., 2012	40.8%
White & Carmody, 2016	19%
Paulet et al., 2009	13%

Dinâmicas e comportamentos.

Nesta secção são abordados as dinâmicas e os comportamentos de vitimação por stalking e posteriormente o cyberstalking em população universitária, designadamente: o sexo do(a) *(ciber)stalker*, a relação entre o(a) *(ciber)stalker* e a vítima, os comportamentos, a frequência e a respetiva duração da vitimação.

No que diz respeito à ocorrência do stalking em estudantes universitário, quatro estudos revelaram que o(a) *stalker* era maioritariamente do sexo masculino (Björklund et al., 2010; Fisher et al., 2002; Geistman et al., 2013; Maran et al., 2014) e a vítima é maioritariamente do sexo feminino (Björklund et al., 2010; Geistman et al., 2013; Maran et al., 2014; McNamara & Marsil, 2012).

Um número expressivo de estudos ($n=9$) procurou determinar o tipo de relação existente entre a vítima e o(a) *stalker*. Neste sentido, seis estudos concluíram que o(a) *stalker* é alguém conhecido (e.g., amigo, colega, vizinho) (Amar, 2006; Björklund et al., 2010; Buhi et al., 2009; Geistman et al., 2007; Jordan et al., 2007; Jutras et al., 2013), dois estudos referiram que o(a) *stalker* é um(a) parceiro(a) íntimo atual ou anterior (Fisher et al., 2002; Maran et al.,

2014) e apenas o estudo de Jaishankar e Kosalai (2007) concluiu que os estudantes foram alvo de stalking por um(a) desconhecido(a) (cf. Tabela 5).

Tabela 5

Relação entre o(a) stalker e a vítima

Relação entre o(a) <i>stalker</i> e a vítima	Percentagem da incidência	Autor(es) e data
Conhecido(a)	55%	Björklund, et al., 2010
	48.7%	Buhi et al., 2009
	43.6%	Jordan et al., 2013
	43.2%	Jutras et al., 2013
	42%	Geistman et al., 2013
	39%	Amar, 2006
Parceiro(a) íntimo(a) atual ou anterior	42.9%	Fisher et al., 2002
	41.7%	Maran et al., 2014
Desconhecido	68.7%	Jaishankar & Kosalai, 2007

Relativamente aos comportamentos perpetrados pelo(a) *stalker*, os estudos ($n=9$) destacaram as tentativas de contactos (e.g., chamadas telefônicas, mensagens, correio eletrónico) não desejados (Amar, 2006; Björklund, et al., 2010; Fisher et al., 2002; Jordan et al., 2007; Maran et al., 2014; McNamara & Marsil, 2012) e perseguição (Buhi et al., 2009; Geistman et al., 2013; Jaishankar & Kosalai, 2007) (cf. Tabela 6).

Tabela 6

Comportamentos perpetrados pelo(a) stalker

Comportamentos perpetrados pelo(a) <i>stalker</i>	Percentagem da incidência	Autor(es) e data
Tentativas de contactos não desejados	77.7%	Fisher et al., 2002
	72.2%	Maran et al., 2014
	72%	Amar, 2006
	56.4%	Björklund, et al., 2010
	49.7%	Jordan et al., 2007
	24.2%	McNamara & Marsil, 2012
Perseguição	64.9%	Buhi et al., 2009
	55.3%	Jaishankar & Kosalai, 2007
	53%	Geistman et al., 2013

De acordo com a frequência e a duração da ocorrência dos comportamentos de stalking, três estudos referiram que este fenómeno ocorria diariamente ou semanalmente (Fisher et al., 2002; Geistman et al., 2013; Jaishankar & Kosalai, 2007) e quatro estudos concluíram que o stalking teve uma duração média de várias semanas a um ano (Björklund et al., 2010; Fisher et al., 2002; Jutras et al., 2013; Maran et al., 2014).

Relativamente à ocorrência do cyberstalking na população universitária, três estudos referiram que o(a) *ciberstalker* era do sexo masculino (Curtis, 2012; Heinrich, 2015; Hensler-McGinnis, 2008) e cinco estudos concluíram que a vítima é maioritariamente do sexo feminino (Curtis, 2012; Pullet et al., 2009; Reyns, 2010; Reyns et al., 2012; White & Carmody, 2016).

Um número expressivo de estudos ($n=8$) procurou determinar o tipo de relação existente entre a vítima e(o) *ciberstalker*. Assim, cinco estudos concluíram que o(a) *ciberstalker* é alguém conhecido (e.g., amigo, colega, familiar) (Alexy et al., 2005; Hensler-McGinnis, 2008; Lindsay & Krysik, 2012; Pullet et al., 2009; Reyns et al., 2012), dois estudos referiram que o(a) *ciberstalker* é um(a) parceiro(a) íntimo atual ou anterior (Curtis, 2012; Heinrich, 2015) e um estudo mencionou que os estudantes foram alvo de cyberstalking por parte de um(a) desconhecido(a) (Finn, 2004) (cf. Tabela 7).

Tabela 7

Relação entre o(a) ciberstalker e a vítima

Relação entre o(a) <i>stalker</i> e a vítima	Percentagem da incidência	Autor(es) e data
Conhecido(a)	50%	Pullet et al., 2009
	42.5%	Hensler-McGinnis, 2008
	25.4%	Reyns et al., 2012
	24.9%	Lindsay & Krysik
	-	Alexy et al., 2005
Parceiro(a) íntimo(a) atual ou anterior	48%	Curtis, 2012
	45.4%	Heinrich, 2015
Desconhecido(a)	-	Finn, 2004

Legenda: - = O estudo não coloca os valores da percentagem da incidência

No que concerne aos comportamentos efetuados pelo(a) *ciberstalker*, quatro estudos destacaram os comportamentos de hiperintimidade (e.g., envio de mensagens exageradas de afeto, envio de mensagens excessivamente carentes ou exigentes, envio de objetos de afeto) (Carrasquinho, 2015; Carvalho, 2011; Reyns, 2010; Spitzberg & Hoobler, 2002), dois estudos referiram que os comportamentos mais frequentes foram as tentativas de contacto não desejadas (Alexy et al., 2005; Paullet et al., 2009) e um estudo concluiu que os comportamentos mais indicados pelas vítimas foram constantemente a monitorizar, marcar ou enviar presentes para a rede social (Hensler-McGinnis, 2008) (cf. Tabela 8).

Tabela 8

Comportamentos perpetrados pelo(a) ciberstalker

Comportamentos perpetrados pelo(a) <i>ciberstalker</i>	Percentagem da incidência	Autor(es) e data
	52.2%	Carvalho, 2011
Comportamentos de hiperintimidade	47.8%	Carrasquinho, 2015
	31%	Spitzberg & Hoobler, 2002
	23.3%	Reyns, 2010
Tentativas de contactos não desejados	-	Alexy et al., 2005
	-	Paullet et al., 2009
Constantemente a monitorizar, marcar ou enviar presentes para as redes sociais	76%	Hensler-McGinnis, 2008

Legenda: - = O estudo não coloca os valores da percentagem da incidência

De acordo com a frequência e a duração da ocorrência dos comportamentos de cyberstalking, apenas o estudo de Curtis (2012) referiu que este fenómeno teve uma duração média de 215 dias.

Impacto na vítima.

Os seis estudos que abordam o impacto da ocorrência do stalking nas vítimas referiram que as áreas afetadas foram a saúde psicológica (e.g., medo, humor deprimido, ansiedade, raiva) (Amar, 2006; Fisher et al., 2002; Geistman et al., 2013; Jaishankar & Kosalai, 2007; Jordan et al., 2007; Maran et al., 2014). Para além da saúde psicológica, dois estudos

nomearam consequências ao nível da saúde física (e.g., perturbações no sono, dores de cabeça, fraqueza muscular) (Jaishankar & Kosalai, 2007; Maran et al., 2014) e dois estudos também destacaram consequências nos estilos de vida e economia da vítima (e.g., mudança de identidade, perda de amigos, isolamento social) (Jaishankar & Kosalai, 2007; Maran et al., 2014).

Relativamente ao impacto da ocorrência do cyberstalking nos estudantes universitários, as áreas mais afetadas são a economia (e.g., alteração do número de telemóvel ou residência, investimento em *softwares* de proteção das tecnologias), social (e.g., isolamento social), o desempenho profissional/académico (e.g., faltar ao emprego ou aulas, mudança ou ser despedido do emprego, desistir do curso universitário) (Hensler-McGinnis, 2008; Spitzberg & Hoobler, 2002) e a saúde psicológica da vítima (e.g., sentir a sua segurança ameaçada, raiva, ansiedade, medo) (Curtis, 2012; Poullet et al., 2009). Poullet e colaboradores (2009) destacaram ainda a saúde física (e.g., perturbações no sono, cansaço, dores de cabeça) como uma das principais áreas afetadas.

Respostas à vitimação.

Dos 11 estudos sobre a ocorrência do stalking em estudantes universitários, de natureza quantitativa e qualitativa, seis avaliaram as respostas à vitimação. As fontes de apoio informal (i.e., familiares e amigos) foram as mais ativadas pelas vítimas (Amar, 2006; Buhi et al., 2009; Geistman et al., 2013; Jaishankar & Kosalai, 2007; Jutras et al., 2013; Maran et al., 2014). Por outro lado, seis estudos referem que as vítimas não reportam estes comportamentos às fontes de apoio formal (i.e., forças de segurança, profissionais de saúde) (Buhi et al., 2009; Fisher et al., 2002; Jaishankar & Kosalai, 2007; Jordan et al., 2007; Jutras et al., 2013).

No que diz respeito à ocorrência do cyberstalking na população universitária foram identificados oito estudos que avaliaram as respostas à vitimação. Seis estudos referiram que

as fontes de apoio informal foram as mais ativas pelas vítimas (Alexy et al., 2005; Curtis, 2012; Finn, 2004; Heinrich, 2015; Hensler-McGinnis, 2008; White & Carmody, 2016).

Discussão

O conhecimento científico sobre o fenômeno da ocorrência do stalking e do cyberstalking em estudantes universitários começou a desenvolver-se recentemente, sobretudo nos últimos quinze anos, denotando-se que se trata de uma população particularmente vulnerável à vitimação (Björklund, Häkkänen-Nyholm, Sheridan, & Roberts, 2010; Fisher, Cullen, & Turner, 2002). Assim, verifica-se que no contexto internacional e nacional, o stalking e o cyberstalking são cada vez mais reconhecidos socialmente, cientificamente e criminalmente punidos.

É importante referir que, por vezes, os estudos e os investigadores empregam diferentes definições e terminologias. Pereira e investigadores (2014) designam “atenção indesejada” ao fenômeno de stalking. No que concerne ao termo cyberstalking, verificamos que existem autores que empregam a expressão “assédio online” (Finn, 2004; Kennedy & Taylor, 2010). Neste sentido, verificamos que as terminologias de stalking e cyberstalking são recentes, sendo que os estudantes podem apresentar dificuldades no seu significado, levando a alguns autores adotarem termos idênticos ou sinónimos, de modo a não causar dúvidas ou negarem terem sido vítimas destes comportamentos.

Os resultados obtidos permitem-nos compreender e conhecer o panorama dos estudos publicados sobre a ocorrência do stalking e do cyberstalking em estudantes universitários. No que diz respeito à ocorrência do stalking e do cyberstalking em estudantes universitários, percebemos que as taxas de prevalência são bastante elevadas em relação à população em geral (Björklund, Häkkänen-Nyholm, Sheridan, & Roberts, 2010; Fisher, Cullen, & Turner, 2002; Reyns, 2010), sendo os mais jovens e o sexo feminino mais vulneráveis a este tipo de vitimação enquanto os ofensores são predominantemente do sexo masculino. Este resultado

poderá estar associado no contexto relacional, uma vez que os jovens estão expostos a um grande número de potenciais parceiros amorosos, aumentando a probabilidade de algumas relações implicarem o assédio e a perseguição de modo persistente (Grangeia & Matos, 2010), como também o facto desta população mais jovem utilizar com frequência as TIC, tornando-as mais vulneráveis a contactos não desejados (White & Carmody, 2016).

No que respeita ao tipo de relação existente entre a vítima e o(a) ofensor(a) na ocorrência dos fenómenos de stalking e de cyberstalking, o ofensor é maioritariamente conhecido (e.g., amigo, familiar, colega) ou é um parceiro íntimo atual ou anterior da vítima (Alexy et al., 2005; Amar, 2006; Finn, 2004; Fisher et al., 2002), reforçando o contexto relacional do stalking e do cyberstalking.

No que concerne aos comportamentos mais frequentes de stalking, de acordo com a tipologia de Spitzberg & Cupach (2007), foram os contactos mediados e as estratégias de vigilância (e.g., Amar, 2006; Jaishankar & Kosalai, 2007; Maran et al., 2014; McNamara & Marsil, 2012) enquanto os comportamentos mais frequentes de cyberstalking foram as tentativas de contacto não desejados, comportamentos de hiperintimidade e constantemente a monitorizar, marcar ou enviar presentes para as redes sociais (e.g., Carvalho, 2011; Paullet et al., 2009; Spitzberg & Hoobler, 2002). Estes comportamentos revelam que o *stalker* e *ciberstalker* têm como finalidade estabelecer uma relação íntima para com a vítima. A frequência e a duração deste tipo de comportamentos no stalking ocorriam em média semanalmente a mensalmente, tendo uma duração média de várias semanas a um ano, enquanto os comportamentos de cyberstalking tiveram uma duração média de 215 dias. Tendo em consideração o contexto relacional de ambos os fenómenos, é possível que o(a) perpetrador(a) conheça as rotinas e o estilo de vida da vítima, tornando a frequência e a duração dos seus comportamentos mais frequentes, tendendo estes a escalar na sua frequência e agressividade.

O impacto do stalking e do cyberstalking na população universitária tem consequências negativas e, conseqüentemente nas suas relações interpessoais. As áreas mais afetadas são a saúde psicológica, física, social, economia e ao nível do estilo de vida (e.g., Amar, 2006; Hensler-McGinnis, 2008; Jaishankar & Kosalai, 2007; Spitzberg & Hoobler, 2002), representando uma ameaça para os estudantes universitários, podendo a vítima mudar de universidade ou desistir do curso que frequenta.

Por último, as fontes de apoio informal (e.g., amigos, familiares) foram as mais ativadas pelos estudantes universitários (Amar, 2006; Buhi et al., 2009; Geistman et al., 2013), em detrimento das fontes formais. Estes dados permitem-nos compreender que as vítimas recorrem maioritariamente a amigos ou familiares como forma de tentar resolver a vitimação como também poderá ser um indicador da desvalorização, por parte do estudante, da sua vitimação por stalking e/ou cyberstalking.

Na presente revisão sistemática da literatura existem um conjunto de contribuições e limitações nas abordagens científicas sobre a ocorrência do stalking e do cyberstalking em estudantes universitários.

Desta forma são apresentados os três principais contributos, entre os quais: o crescimento dos estudos publicados desde os últimos 15 anos, reflexo do reconhecimento por parte da comunidade científica, maioritariamente desenvolvidos nos EUA e na Europa, destacando-se também Portugal com três trabalhos realizados (Carrasquinho, 2015; Carvalho, 2011; Pereira et al., 2014), reconhecendo os estudantes universitários como sendo uma população particularmente vulnerável a este tipo de vitimação. O segundo principal contributo, de acordo com a análise efetuada, o foco empírico é a prevalência da vitimação ao longo da vida (e.g., Amar, 2006; Jaishankar & Kosalai, 2007; White & Carmody, 2016), ou seja, os estudos pretendem avaliar a vitimação passada e atual da ocorrência do stalking e do cyberstalking em estudantes universitários. Neste sentido, as taxas de prevalência constituem números bastante

preocupantes, designadamente 96% de vitimação para a ocorrência do stalking em estudantes universitários (Pereira et al., 2014) e 74.8% de vitimação para a ocorrência do cyberstalking na população universitária (Carvalho, 2011). Por último, o terceiro contributo prende-se com a variedade das características das amostras utilizadas na ocorrência do stalking em estudantes universitários, recorrendo a populações exclusivas ao sexo feminino (e.g., Amar, 2006; Fisher et al., 2002), amostras mistas (e.g., Björklund et al., 2010; Geistman, Smith, Lambert, & Cluse-Tolar, 2013) e amostras exclusivas em homens (Pereira et al., 2014), revelando o interesse em alargar o conhecimento científico, nomeadamente nos indicadores de prevalência, dinâmicas, comportamentos, impacto na vítima e respostas à vitimação neste tipo de população.

No entanto, foram identificadas três principais limitações. A primeira limitação refere-se aos estudos serem predominantemente de natureza quantitativa e com um *design* exploratório, correlacional e descritivo, em detrimento dos trabalhos de natureza longitudinal, sendo que na nossa pesquisa não resultou nenhum estudo que abordasse os fenómenos de forma longitudinal, podendo comprometer o conhecimento científico e uma compreensão mais aprofundada sobre o stalking e o cyberstalking em contexto universitário. A segunda limitação prende-se com o tipo de amostragem, ou seja, os estudos publicados sobre ambos os fenómenos utilizam maioritariamente estudantes universitários solteiros, heterossexuais, de raça caucasiana e que estejam a residir com os seus pais ou familiares, havendo apenas um estudo em que 70% da amostra era de origem africana (Amar, 2006), apesar da maioria da população universitária possuir as características acima referidas, não há estudos que procurassem comparar diferentes níveis socioeconómicos, nacionalidades, orientações sexuais e grupos étnicos ou culturais.

A terceira limitação está relacionada com a variabilidade dos instrumentos utilizados para a avaliação do stalking e cyberstalking na população universitária, sendo que alguns autores

desenvolvem o seu próprio instrumento (e.g., Finn, 2004; Fisher et al., 2002; Heinrich, 2015), não os disponibilizando para que possamos analisar o seu conteúdo, ou adaptam instrumentos que têm como objetivo avaliar outras formas de vitimação (e.g., violência múltipla, violência sexual) (e.g., Amar, 2004; Buhi et al., 2009; Jordan et al., 2007), podendo ser reflexo da variabilidade das taxas de prevalência do stalking e do cyberstalking em estudantes universitários. Os instrumentos são de autorrelato, possibilitando a ocorrência de viés amnésicos por parte do estudante, que podem concorrer à subestimativa ou sobreestimativa de ambos os fenómenos.

Considerações Finais

De acordo com os contributos e limitações enunciados, é necessário ter em conta que há um conjunto de questões que carecem de estudo para que possam ser colmatados em investigações futuras. Os estudos existentes sobre o stalking e o cyberstalking em contexto universitário utilizam amostras em que os estudantes são predominantemente solteiros, heterossexuais, de raça caucasiana e encontram-se a residir com os seus familiares, sendo importante o desenvolvimento de estudos que comparem diferentes níveis socioeconómicos, nacionalidades, orientações sexuais ou grupos étnicos. A maioria dos trabalhos disponíveis sobre o cyberstalking em estudantes universitários apenas tem como objetivos avaliar a prevalência e os comportamentos deste fenómeno, sendo útil avaliar o impacto e as estratégias de *coping* nas vítimas de cyberstalking. Paralelamente, os estudos publicados sobre o stalking e o cyberstalking em estudantes universitários raramente abordam este assunto do ponto de vista do *stalker* e do *ciberstalker*, sendo importante conhecer as suas motivações para perpetrarem estes comportamentos. Por fim, observa-se a centralização excessiva dos estudos sobre a ocorrência do stalking ou de cyberstalking em estudantes universitários, estando ausentes trabalhos que explorem a coocorrência do stalking e do cyberstalking na população universitária.

Assim, destacamos a importância do desenvolvimento de mais estudos sobre ambos os fenômenos, a necessidade da prevenção com a realização de ações de sensibilização em universidades e na população em geral, bem como a promoção da formação técnica a profissionais (e.g., psicólogos, assistentes sociais, juristas, advogados, forças de segurança) que lidam com as vítimas com o objetivo de estes serem capazes de reconhecer, compreender e intervir em ambos os fenômenos de stalking e cyberstalking.

Referências

- Alexy, E. M., Burgess, A. W., Baker, T., & Smoyak, S. A. (2005). Perceptions of cyberstalking among college students. *Brief Treatment and Crisis Intervention, 5*(3), 279-289. doi: 10.1093/brief-treatment/mhi020
- Amar, A. F. (2006). College women's experience of stalking: Mental health symptoms and changes in routines. *Archives of Psychiatric Nursing, 20*(3), 108-116. doi: 10.1016/j.apnu.2005.10.003
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2015). Folha informativa – Stalking. Retirado de http://www.apav.pt/apav_v3/images/folhas_informativas/fi_stalking.pdf.
- Björklund, K., Häkkänen-Nyholm, H., Sheridan, L., & Roberts, K. (2010). The prevalence of stalking among Finnish students. *Journal of Interpersonal Violence, 25*(4), 684-698. doi: 10.1177/0886260509334405
- Bocij, P. (2004). *Cyberstalking: Harassment in the Internet age and how to protect your family*. USA: Praeger Publishers.
- Bocij, P., & McFarlane, L. (2003). Cyberstalking: The technology of hate. *The Police Journal, 76*(3), 204-221. doi: 10.1350/pojo.76.3.204.19442
- Buhi, E. R., Clayton, H., & Surrency, H. H. (2009). Stalking victimization among college women and subsequent help-seeking behaviors. *Journal of American College Health, 57*(4), 419-426. doi: 10.3200/JACH.57.4.419-426
- Cardoso, G., & Lapa, T. (2015). O estudo da internet e dos ecrãs na sociedade em rede. In G. L. Miranda (Org.). *Psicologia dos comportamentos online* (pp. 25-50). Lisboa: Relógio D'Água.
- Carrasquinho, J. P. N. (2015). *Cyberstalking: Prevalência e estratégias de coping em estudantes universitários* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Fernando Pessoa, Portugal.

- Carvalho, C. S. S. (2011). *Cyberstalking: Prevalência na população universitária da Universidade do Minho* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade do Minho, Portugal.
- Cupach, W. R., & Spitzberg, B. H. (2004). *The dark side of relationship pursuit: From attraction to obsession and stalking*. Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Cupach, W. R., & Spitzberg, B. H. (2014). *The dark side of relationship pursuit: From attraction to obsession and stalking* (2nd ed.). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Curtis, L. (2012). *Virtual vs. reality: An examination of the nature of stalking and cyberstalking* (Unpublished Master Dissertation). San Diego State University: USA.
- Diário da República Eletrónico (2015). Lei n.º 83/2015 de 5 de Agosto. DR, 1º Série, n.º 151, de 5 de Agosto de 2015. Retirado de <https://dre.pt/application/file/69951045>.
- Finn, J. (2004). A survey of online harassment at a university campus. *Journal of Interpersonal Violence*, 19(4), 468-483. doi: 10.1177/0886260503262083
- Fisher, B. S. (2001). Being pursued and pursuing during the college years: Their extent, nature, and impact of stalking on college campuses. In J. A. Davis (Ed.). *Stalking crimes and victim protection: Prevention, intervention, threat assessment, and case management* (pp. 207-230). Florida: CRC Press.
- Fisher, B. S., Cullen, F. T., & Turner, M. G. (2002). Being pursued: Stalking victimization in a national study of college women. *Criminology & Public Policy*, 1(2), 257-308. doi: 10.1111/j.1745-9133.2002.tb00091.x
- Geistman, J., Smith, B., Lambert, E. G., & Cluse-Tolar, T. (2013). What to do about stalking: A preliminary study of how stalking victims responded to stalking and their perceptions of the effectiveness of these actions. *Criminal Justice Studies*, 26(1), 43-66. doi: 10.1080/1478601X.2012.712534

- Grangeia, H., & Matos, M. (2010). Stalking: Consensos e controvérsias. In C. Machado. *Novas formas de vitimação criminal* (pp. 121-166). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Heinrich, P. A. (2015). *Generation iStalk: An examination of the prior relationship between victims of stalking and offenders* (Unpublished Master Dissertation). Marshall University: USA.
- Hensler-McGinnis, N. F. (2008). *Cyberstalking victimization: Impact and coping responses in a national university sample* (Unpublished Master Dissertation). University of Maryland: USA.
- Instituto Nacional de Estatística (2015). Inquérito à utilização de tecnologias da informação e da comunicação pelas famílias. Consultado online: <https://www.ine.pt/xportal>.
- Jaishankar, K., & Kosalai, P. (2007). Victims of stalking in India: A study of girl college students in Tirunelveli city. *Temida*, 13-21. doi: 10.2298/TEM0704013J
- Jordan, C. E., Wilcox, P., & Pritchard, A. J. (2007). Stalking acknowledgement and reporting among college women experiencing intrusive behaviors: Implications for the emergence of a “classic stalking case”. *Journal of Criminal Justice*, 35, 556-569. doi: 10.1016/j.jcrimjus.2007.07.008
- Jutras, S. E., Edwards, K., & Sylaska, K. (2013). *Correlates of help-seeking following stalking victimization: A study of college women* (Unpublished Master Dissertation). University of New Hampshire: USA.
- Kennedy, M. A., & Taylor, M. A. (2010). Online harassment and victimization of college students. *Justice Policy Journal*, 7(1), 1-21.
- Lindsay, M., & Krysik, J. (2012). Online harassment among college students. *Information, Communication & Society*, 15(5), 703-719. doi: 10.1080/1369118X.2012.674959
- Maran, D. A., Zedda, M., Varetto, A., & Munari, J. (2014). Stalking victimization among Italian university students. *Gender & Behaviour*, 12(1), 6070-6079.

- Matos, M., Grangeia H., Ferreira, C., & Azevedo, V. (2011). *Inquérito de vitimação por stalking – Relatório de investigação*. Braga: Grupo de Investigação sobre o Stalking em Portugal.
- McNamara, C. L., & Marsil, D. F. (2012). The prevalence of stalking among college students: The disparity between researcher and self-identification victimization. *Journal of American College Health, 60*(2), 168-174. doi: 10.1080/07448481.2011.584335
- Mullen, P. E., Pathé, M., & Purcell, R. (2001). Stalking: New constructions of human behaviour. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry, 35*(1), 9-16. doi: 10.1046/j.1440-1614.2001.00849.x
- Mullen, P., Pathé, M., Purcell, R., & Stuart, G. (1999). Study of stalkers. *American Journal of Psychiatry, 156*(8), 1244–1249.
- Pathé, M., Mullen, P. E., & Purcell, R. (2001). Management of victims of stalking. *Advances in Psychiatric Treatment, 7*(6), 399-406. doi: 10.1192/apt.7.6.399.
- Paullet, K. L., Rota, D. R., & Swan, T. T. (2009). Cyberstalking: An exploratory study of students at a Mid-Atlantic university. *Issues in Information Systems, 10*(2), 640-649.
- Pereira, F., Matos, M., Sheridan, L., & Scott, A. J. (2014). Perceptions and personal experiences of unwanted attention among Portuguese male students. *Psychology, Crime & Law, 398*-411. doi: 10.1080/1068316X.2014.989167
- Reyns, B. W. (2010). *Being pursued online: Extent and nature of cyberstalking victimization from a lifestyle/routine activities perspective* (Unpublished Master Dissertation). University of Cincinnati: USA.
- Reyns, B. W., Henson, B., & Fisher, B. S. (2012). Stalking in the twilight zone: Extent of cyberstalking victimization and offending among college students. *Deviant Behavior, 33*(1), 1-25. doi: 10.1080/01639625.2010.538364

- Sheridan, L. P., & Grant, T. (2007). Is cyberstalking different?. *Psychology, Crime & Law*, 13(6), 627-640. doi: 10.1080/10683160701340528
- Sheridan, L. P., Blaauw, E., & Davies, G. M. (2003). Stalking: Knowns and unknowns. *Trauma, Violence & Abuse*, 4, 148-162. doi: 10.1177/1524838002250766
- Spitzberg, B. H., & Hoobler, G. (2002). Cyberstalking and the technologies of interpersonal terrorism. *New Media & Society*, 4(1), 67-88.
- Spitzberg, B., & Cupach, W. (2007). The state of art of stalking: Taking stock of the emerging literature. *Aggression and Violent Behavior*, 12, 64–86.
- US Attorney General (1999). Cyberstalking: A new challenge for law enforcement and industry – A report from the Attorney General to the Vice President. Obtido em: <http://www.justice.gov/criminal/cybercrime/cyberstalking.htm>.
- White, W. E., & Carmody, D. (2016). Preventing online victimization: College students' views on intervention and prevention. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-7. doi: 0886260515625501

Artigo 2

***Stalking e Cyberstalking: Coocorrência e Padrões de Vitimação em Estudantes
Universitários***

**Stalking e Cyberstalking: Coocorrência e Padrões de Vitimação em Estudantes
Universitários**

Sara A. Pires, Ana I. Sani, & Cristina B. Soeiro

Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal, & Instituto Superior de Ciências da Saúde
Egas Moniz, Monte da Caparica, Portugal

Resumo

A presente investigação procurou estudar a coocorrência e os respetivos padrões de vitimação do stalking e do cyberstalking em estudantes universitários através do Inventário de Vitimação por Stalking (IVS) e pela Escala de Avaliação de Cyberstalking (EAC). A amostra total constituiu-se por 1081 estudantes universitários, de ambos os sexos (72.2% mulheres e 27.8% homens) e com idades compreendidas entre os 18 e os 58 anos (M= 22.8; DP= 4.94). Os resultados principais demonstraram as taxas de stalking (24.0%), cyberstalking (22.8%) e da coocorrência de ambos os fenómenos (15.4%). Tendo em vista o alcance do objetivo e a obtenção de respostas às questões de investigação apenas se estudaram os 167 participantes (15.4%) que se autodefiniram como vítimas de stalking e cyberstalking. As vítimas de stalking e cyberstalking são predominantemente do sexo feminino (77.2%) enquanto os(as) agressores(a) são do sexo masculino (71.3%). Os comportamentos de stalking foram as ações percecionadas como aparentemente inofensivas, designadamente tentar entrar em contacto de forma indesejada (89.8%), aparecer em locais frequentados pela vítima (54.5%) e ser perseguido (34.7%). Os comportamentos cyberstalking foram os de hiperintimidade, sobretudo o envio de mensagens excessivamente carentes ou exigentes (91%), o envio de mensagens exageradas de afeto (86.2%) e o envio de objetos de afeto (68.9%). Assim, estes resultados reforçam a necessidade do desenvolvimento de políticas de prevenção e de intervenção com os estudantes universitários vítimas destas duas formas de violência.

Palavras-chave: Stalking, Cyberstalking, Coocorrência, Estudantes universitários

Abstract

The present research aimed to study the co-occurrence and the respective victimization patterns of stalking and cyberstalking in college students through the Inventário de Vitimação por Stalking (IVS) and the Escala de Avaliação de Cyberstalking (EAC). The total sample was collected from 1081 college students, both male and female (72.2% women and 27.8% men), aged from 18 to 58 years ($M=22.8$; $DP=4.94$). Given the scope of the objective and to obtain answers to research questions only studied 167 participants who defined themselves as victims of stalking and cyberstalking. The results demonstrate stalking rates (24.0%), cyberstalking (22.8%) and co-occurrence of both types of violence (15.4%). The victims of stalking and cyberstalking are predominantly female (77.2%) and the perpetrators are male (71.3%). The behaviours of stalking were the actions thought of as apparently harmless, especially trying to contact unwanted way (89.8%), appear in places frequented by the victim (54.5%) and being persecuted (34.7%). The cyberstalking behaviours were those of intimacy, especially sending excessively needy or demanding posts (91%), sending exaggerated messages of affection (86.2%) and sending objects of affection (68.9%). These results support the need to develop policies for prevention and intervention with college student's victims of both forms of violence.

Keywords: stalking, cyberstalking, co-occurrence, college students.

Introdução

A presente investigação incide sobre o estudo do stalking e do cyberstalking, designadamente na sua coocorrência e nos respetivos padrões de vitimação em estudantes universitários. A investigação internacional que cruza as duas problemáticas é escassa e, por ventura inexistente em Portugal, podendo, por isso, este estudo dar um importante contributo para desenvolvimento do conhecimento científico na área da Vitimologia. Dada a recente

criminalização do fenómeno em Portugal em 2015 surge esta mesma investigação como oportuna e capaz de produzir elementos que nos guiem na prevenção destes fenómenos.

Recentemente verificou-se que o stalking também está presente no estabelecimento de relações e nos contactos interpessoais de modo *online*, sendo que o risco desta forma de vitimação aumentou devido ao crescimento acentuado das tecnologias de informação e comunicação (TIC) (Bocij & McFarlane, 2003; Spitzberg & Hoobler, 2002), sobretudo entre os estudantes universitários. A população universitária é considerada a mais vulnerável aos dois tipos de vitimação, apresentando taxas de prevalência mais elevadas relativamente à população em geral (e.g., Björklund, Häkkänen-Nyholm, Sheridan, & Roberts, 2010; Fisher, Cullen, & Turner, 2002; Jordan, Wilcox, & Pritchard, 2007).

Este trabalho divide-se em duas partes: primeiramente será realizada uma abordagem teórica aos fenómenos de stalking e de cyberstalking. A segunda parte é composta pelo estudo empírico, onde irão ser descritos o método, designadamente a amostra, instrumentos e procedimento utilizados. Por último, serão apresentados os resultados, a discussão e as principais conclusões.

Conceptualização de Stalking

O stalking é considerado como uma forma de violência interpessoal, definido como um conjunto de comportamentos de assédio persistente, no qual o perpetrador estabelece diversas formas de vigilância, comunicações, monitorização e contatos não desejados à vítima, sendo percecionadas de uma forma ameaçadora, capazes de comprometer a qualidade de vida da vítima (Grangeia & Matos, 2010; Mullen, Pathé, & Purcell, 2001).

Os comportamentos de stalking podem consistir em ações rotineiras e inofensivas (e.g., envio de presentes, chamadas telefónicas indesejadas) ou em ações intimidatórias (e.g., perseguição, envio de mensagens ameaçadoras) tendo um impacto negativo na vida da vítima (Sheridan, Blaauw, & Davies, 2003). O conjunto destes comportamentos tendem a escalar em

frequência e agressividade, podendo associar-se a outras formas de violência (e.g., ameaças, agressões físicas ou psicológicas) (Cupach & Spitzberg, 2004).

Assim, destaca-se a necessidade da intervenção do sistema jurídico-legal, com vista à proteção da integridade física e psicológica da vítima, bem como à repressão deste fenómeno. A criminalização do stalking em Portugal surgiu no ano de 2015, ao ser introduzido um aditamento ao Código Penal Português denominado “Perseguição” (artigo 154-A), abrangendo também o fenómeno de cyberstalking, de cariz semipúblico, sendo integrado no elenco dos crimes contra a liberdade pessoal (Diário da República Eletrónico, 2015).

Embora, primeiramente, a atenção dada ao stalking se tenha focado nas celebridades que foram vítimas e se tenha gradualmente expandido ao público em geral, só muito recentemente é que o stalking foi identificado como um problema significativo que assola os estudantes universitários. Vários estudos observaram elevadas taxas de prevalência entre os estudantes universitários, superiores à população em geral (e.g., Björklund et al., 2010; Fisher, Cullen, & Turner, 2002; Jordan, Wilcox, & Pritchard, 2007).

Como suporte a estes resultados, Björklund e colaboradores (2010) observaram que na sua amostra constituída por 615 estudantes universitários finlandeses, a prevalência das vítimas de stalking foi de 52.4% entre o sexo feminino e 23.2% entre o sexo masculino, números muito superiores aos encontrados em amostras representativas da população, cuja prevalência das vítimas era aproximadamente de 8-25% entre as mulheres e 2-13.3% entre os homens (Matos, Grangeia, Ferreira, & Azevedo, 2011; Tjaden & Thoennes, 1998).

Os estudos que determinam as taxas de prevalência de vitimação dos fenómenos de stalking e cyberstalking em estudantes universitários, por vezes, adotam vários períodos de referência, designadamente, os indicadores de prevalência ao longo da vida do estudante, desde a sua entrada na universidade e desde o último ano. Os indicadores de prevalência da vitimação ao longo da vida em estudantes universitários variam entre os 12% (McNamara &

Marsil, 2012) e os 96% (Pereira et al., 2014). Relativamente ao indicador de prevalência de vitimação desde a entrada do estudante na universidade, este situa-se nos 19.9% (Buhi, Clayton, & Surrency, 2009). Fisher e colaboradores (2002) encontraram uma taxa de prevalência de 13.1% de vitimação ao longo da vida e 15% tendo como período de referência o último ano. Por último, Jordan e colaboradores (2007) utilizaram no seu estudo três períodos de referência de vitimação por stalking, sendo 40.4% de vitimação por stalking ao longo da vida, 18% de vitimação desde a entrada do estudante na universidade e 11.3% de vitimação tendo como período de referência o último ano.

Os Intervenientes do Stalking: A Vítima e o Agressor

O crescente desenvolvimento científico do fenómeno de stalking tem originado um conhecimento, através de investigações, acerca dos intervenientes deste fenómeno, no que concerne à vítima e ao agressor(a). Vários estudos sugerem que os estudantes universitários vítimas de stalking pertencem maioritariamente ao sexo feminino (Björklund et al., 2010; Geistman, Smith, Lambert, & Cluse-Tolar, 2013; Maran, Zedda, Varetto, & Munari, 2014; McNamara & Marsil, 2012) e os(as) perpetradores são predominantemente do sexo masculino (Björklund et al., 2010; Fisher et al., 2002; Geistman et al., 2014; Maran et al., 2014). No que diz respeito ao tipo de relação entre a vítima e o(a) *stalker* em estudantes universitários, investigações indicam que o(a) perpetrador(a) é alguém conhecido da vítima (e.g., amigo(a), colega ou vizinho) (Amar, 2006; Björklund et al., 2010; Buhi, Clayton, & Surrency, 2009; Geistman et al., 2013; Jordan et al., 2007; Jutras, Edwards, & Sylaska, 2013) ou um parceiro íntimo atual e/ou anterior (Fisher et al., 2002; Maran et al., 2014).

Maran e colaboradores (2014) conduziram um estudo com 142 estudantes universitários, de ambos os sexos, de nacionalidade italiana, com idades compreendidas entre os 19 e os 55 anos, constatando que 86.1% das vítimas de stalking pertencia ao sexo feminino, 79.4% dos *stalkers* era do sexo masculino, sendo que em 41.7% dos casos este era um(a) parceiro(a)

íntimo(a) anterior e 19.4% era um(a) amigo(a). Num outro estudo efetuado por Geistman e colaboradores (2013) com uma amostra de 2174 estudantes (53% do sexo feminino e 47% do sexo masculino) averiguaram que a grande maioria das vítimas pertencia ao sexo feminino (62%) e que o(a) agressor(a) era do sexo masculino (63%). Neste mesmo estudo, verificou-se que 42% das vítimas tinham uma relação de amizade com o(a) *stalker* (Geistman et al., 2013).

Os Padrões de Ocorrência do Stalking

Os padrões de ocorrência do stalking mais comumente perpetrados pelo(a) *stalker* são os contactos mediados (e.g., chamadas telefônicas, mensagens, *e-mails*) (Amar, 2006; Björklund, et al., 2010; Fisher et al., 2002; Jordan et al., 2007; Maran et al., 2014; McNamara & Marsil, 2012) e perseguição (Buhi et al., 2009; Geistman et al., 2013; Jaishankar & Kosalai, 2007). Quanto à sua frequência e duração, este fenómeno tende a ocorrer diariamente ou semanalmente (Fisher et al., 2002; Geistman et al., 2013; Jaishankar & Kosalai, 2007) e com uma duração média de várias semanas a um ano (Björklund et al., 2010; Fisher et al., 2002; Maran et al., 2014).

Como suporte a estes resultados, no estudo de Fisher e colaboradores (2002) verificaram que os comportamentos específicos mais reportados pelos estudantes universitários recaíram nas chamadas telefônicas não desejadas (77.7%), aparecimento do *stalker* em locais frequentados pela vítima (47.9%) e perseguição (42%). Neste estudo, verificaram ainda que a frequência dos comportamentos ocorreu entre duas a seis vezes por semana (Fisher et al., 2002)

No contexto nacional, foi possível averiguar, com uma amostra de 91 estudantes universitários, do sexo masculino, de natureza qualitativa, concluiu que 96% dos participantes experienciou, pelo menos, um comportamento de stalking ao longo da sua vida, com uma média de 14 comportamentos de stalking por estudante, reforçando e concluindo

que este tipo de vitimação é um problema significativo entre os estudantes universitários (Pereira, Matos, Sheridan, & Scott, 2014).

Conceptualização de Cyberstalking

Nas últimas décadas, evolução da tecnologia favoreceu o contacto entre pessoas e, em consequência, ocorrer uma maior probabilidade de intrusão, devido ao anonimato, facilidade de utilização, maior rapidez permitida pela Internet e percepção de haver uma menor aplicação da legislação (Bocij & McFarlane, 2003). Desta forma, desenvolveu-se um fenómeno análogo ao stalking: o cyberstalking (Spitzberg & Hoobler, 2002).

O cyberstalking é caracterizado como “o uso da Internet, correio eletrónico ou outro dispositivo eletrónico de comunicação para assediar outra pessoa” (US Attorney General, 1999, p. 1). Uma outra definição descreve o cyberstalking como um conjunto de condutas persistentes e não desejadas, no qual um indivíduo, grupo de indivíduos ou organização recorre às TIC, tendo como finalidade assediar, intimidar ou ameaçar um indivíduo, grupo de indivíduos ou organização (Bocij, 2004; Reyns, Henson, & Fisher, 2012; Sheridan & Grant, 2007).

Desta forma, os estudantes universitários apresentam determinadas características que os tornam vulneráveis ao fenómeno de cyberstalking (White & Carmody, 2016), recorrendo maioritariamente à utilização das TIC com o objetivo de estabelecer relações interpessoais e comunicar com amigos, colegas e professores, como também se tem transformado num espaço preferencial no processamento, armazenamento e transmissão de informação, necessários na sua formação académica.

Os dados de prevalência da vitimação em estudantes universitários apenas consideram o período de referência de vitimação ao longo da vida variam entre os 13% (Paulet, Rota, & Swan, 2009), 19% (White & Carmody, 2016), 36.3% (Carrasquinho, 2015), 40.8% (Reyns et

al., 2012), 43.3% (Lindsay & Krysik, 2012), 45.6% (Hensler & McGinnis, 2008) e 74.8% (Carvalho, 2011).

Paullet, Rota e Swan (2009) utilizaram uma amostra com 302 estudantes (58% do sexo masculino e 42% do sexo feminino) concluindo que 13% identificou-se como vítima de cyberstalking ao longo da sua vida. Reyns e seus colaboradores (2012) averiguaram que na sua amostra constituída por 974 estudantes universitários norte-americanos, de ambos os sexos, 40.8% identificou-se como vítima de cyberstalking ao longo da sua vida. Mais recentemente, White e Carmody (2016), com uma amostra de 41 estudantes universitários (54% do sexo masculino e 46% do sexo feminino), de natureza qualitativa, concluíram que 19% dos participantes indicara já ter sido vítima de cyberstalking. Em Portugal, destacam-se os estudos de Carvalho (2011) e Carrasquinho (2015) com prevalências de vitimação com valores significativos. No estudo de Carvalho (2011), com uma amostra de 111 estudantes universitários, de ambos os sexos, concluiu que 74.8% dos participantes experienciaram, pelo menos, um comportamento de cyberstalking. Do mesmo modo, Carrasquinho (2015) conduziu um estudo com 673 estudantes, de ambos os sexos, averiguando que 69.1% da amostra experienciaram, pelo menos, um comportamento de cyberstalking, quando 36.3% autorrelatou a vitimação.

Os Intervenientes do Cyberstalking: A Vítima e o Agressor

Não existe um consenso na literatura acerca do perfil da vítima, agressor(a) e a respetiva natureza do relacionamento nos estudantes universitários. Relativamente à vítima, certos autores referem que as vítimas que são estudantes universitários pertencem ao sexo feminino (Curtis, 2012; Paullet et al., 2009; Reyns, 2010; White & Carmody, 2016). Todavia, Alexy, Burgess, Baker e Smoyak (2005) e Carvalho (2011) referem que os homens tendem a experienciar mais comportamentos de cyberstalking que as mulheres. Em relação ao estado civil e idade dos estudantes universitários, as vítimas tendem a ser solteiros(as) e jovens, com

idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos (Carvalho, 2011; Curtis, 2012; Reyns, 2010). No que diz respeito ao *ciberstalker*, embora a maioria dos estudos referentes ao cyberstalking em estudantes universitários não refiram o sexo do(a) perpetrador(a), Curtis (2012), Heinrich (2015) e Hensler-McGinnis (2008) referem que este pertence ao sexo masculino.

No que concerne à natureza do relacionamento entre o(a) *ciberstalker* e a vítima em estudantes universitários existem três perspetivas diferentes. A primeira perspetiva refere que o(a) perpetrador(a) é alguém conhecido (e.g., amigo, colega, familiar) (Hensler-McGinnis, 2008; Paullet et al., 2009). A segunda perspetiva defende que o(a) *ciberstalker* é um(a) parceiro(a) íntimo atual ou anterior (Alexy et al., 2005; Curtis, 2012; Heinrich, 2015; Reyns et al., 2012). Por último, a terceira perspetiva refere os estudantes foram alvo de cyberstalking por parte de um(a) desconhecido(a) (Finn, 2004).

Os Padrões de Ocorrência do Cyberstalking

Os comportamentos associados ao cyberstalking são praticados pela Internet ou dispositivos com ligação à Internet, principalmente através do computador pessoal, telemóveis, *Personal Data Assistants* (PDA) ou *Global Positioning System* (GPS), recorrendo também ao correio eletrónico, salas de *chat*, mensagens instantâneas, redes sociais, *blogs* ou *sites* (Finn, 2004; Reyns, et al., 2012).

Os padrões de ocorrência do cyberstalking, em contexto universitário, mais comumente perpetrados pelo(a) *ciberstalker* são os comportamentos de hiperintimidade (e.g., envio de mensagens exageradas de afeto, envio de mensagens excessivamente carentes ou exigentes, envio de objetos de afeto) (Carrasquinho, 2015; Carvalho, 2011; Reyns, 2010; Spitzberg & Hoobler, 2002), tentativas de contactos não desejados (Alexy et al., 2005; Paullet et al., 2009) e constantemente a monitorizar, marcar ou enviar presentes para as redes sociais (Hensler-McGinnis, 2008). De acordo com a frequência e a sua respetiva duração, Curtis (2012) refere que este fenómeno tem uma duração média de 215 dias.

De encontro com estas evidências, o estudo de Spitzberg e Hoobler (2002), com a principal finalidade de averiguar quais os comportamentos de cyberstalking mais incidentes em estudantes universitários, concluiu que são o envio de objetos de afeto (e.g., poesia, músicas, postais eletrônicos, elogios, etc.) (31%), envio de mensagens exageradas de afeto (31%), envio de mensagens excessivamente reveladoras (26%) e envio de mensagens carentes ou exigentes (25%). Concomitantemente, no contexto nacional, Carrasquinho (2015) e Carvalho (2011), utilizaram também uma amostra universitária, destacam que os comportamentos mais frequentes são o envio de mensagens exageradas de afeto, envio de mensagens excessivamente carentes ou exigentes e o envio de objetos de afeto, remetendo assim para os comportamentos de hiperintimidade, ou seja, configuram um conjunto de expressões excessivas ou inapropriadas para com a vítima.

Método

A presente investigação obedeceu a um desenho exploratório, descritivo, correlacional e transversal, de natureza quantitativa, com recurso a medidas de autorrelato. Relativamente ao método de amostragem utilizado, recorreu-se a estudantes do ensino universitário, tratando-se assim de um processo de amostra de tipo não probabilística por conveniência.

Deste modo, atendendo à necessidade de estudar a coocorrência e os respetivos padrões de vitimação do stalking e do cyberstalking em estudantes universitários, procurou-se dar resposta às seguintes questões de investigação: i) As vítimas de stalking tendem a ser também vítimas de cyberstalking?; ii) Quais as características das vítimas de stalking e cyberstalking?; iii) Quais as características dos agressores de stalking e cyberstalking?; iv) Que padrões de ocorrências de stalking e cyberstalking se podem identificar no contexto universitário?

De modo a alcançar e responder ao objetivo geral e questões de investigação previamente estabelecidas é fundamental a exposição e caracterização da amostra, os instrumentos e procedimentos utilizados.

Participantes

Os participantes da presente investigação são constituídos por estudantes do ensino universitário. Desta forma, foram definidos critérios de inclusão previamente estipulados, sendo elegíveis para participar no estudo estudantes universitários portugueses (residentes em Portugal Continental, Regiões Autónomas dos Açores e Madeira), de ambos os sexos, com idades iguais ou superiores aos 17 anos e matriculados em instituições de ensino superior portuguesas.

A amostra total foi constituída por 1081 estudantes, dos quais 72.2% ($n=781$) eram do sexo feminino e 27.8% ($n=300$) do sexo masculino. A idade variava entre os 18 e os 58 anos ($M=22.8$, $DP=4.94$) (cf. Tabela 1).

Relativamente à região em que os(as) participantes residiam, verificou-se que a maior parte (64.4%, $n=696$) dos(as) estudantes pertenciam à Área Metropolitana de Lisboa, 15% ($n=162$) residiam na região Norte, 13.9% ($n=150$) na região Centro, 3.3% ($n=36$) na região Alentejo, 1.7% ($n=18$) na região Algarve e uma menor parte (1.8%, $n=19$) nas Regiões Autónomas dos Açores e Madeira. No que concerne às habilitações literárias, verificou-se que 44% ($n=476$) da amostra possuía o ensino secundário, 46.4% ($n=504$) o primeiro ciclo do ensino superior, 9.3% ($n=100$) o segundo ciclo do ensino superior e 0.3% ($n=3$) detinha o terceiro ciclo do ensino superior (cf. Tabela 1).

Mais de metade da amostra (54.1%, $n=585$) mantinha atualmente uma relação, 40.1% ($n=434$) não mantinha atualmente uma relação e uma reduzida parte da amostra (5.7%, $n=62$) mantinha relações ocasionais. Relativamente ao estado civil, 95.6% ($n=1033$) dos(as) estudantes universitários encontrava-se solteiro(a), 3.6% ($n=39$) afirmava ser casado(a) e 0.8% ($n=9$) estava divorciado(a) (cf. Tabela 1).

Tabela 1

Caraterização sociodemográfica da amostra total (n=1081) quanto ao sexo, grupos etários, região, habilitações literárias, estado civil e situação amorosa.

		%	n
Sexo	Feminino	72.2	781
	Masculino	27.8	300
Grupos etários	Dos 18 aos 20 anos	29.3	317
	Dos 21 aos 24 anos	54.9	594
	Dos 25 aos 30 anos	10.7	116
	Dos 31 aos 44 anos	3.7	40
	Dos 45 aos 58 anos	1.3	14
Região	Área Metropolitana de Lisboa	64.4	696
	Norte	15.0	162
	Centro	13.9	150
	Alentejo	3.3	36
	Regiões Autónomas dos Açores e Madeira	1.8	19
	Algarve	1.7	18
Habilitações literárias	Ensino secundário (12º ano)	44.0	479
	1º Ciclo do Ensino Superior	46.4	502
	2º Ciclo do Ensino Superior	9.3	100
	3º Ciclo do Ensino Superior	0.3	3
Estado civil	Solteiro(a)	95.6	1033
	Casado(a)	3.6	39
	Divorciado(a)	0.8	9
Situação amorosa	Mantém atualmente uma relação	54.1	585
	Não mantém atualmente uma relação	40.1	434
	Mantém relações ocasionais	5.7	62

No que concerne às dinâmicas e atividades universitárias, as duas áreas de educação e formação mais frequentadas pelos(as) estudantes são as áreas de Ciências Sociais, Comércio e Direito (40.5%, $n=438$), Saúde e Proteção Social (27.3%, $n=295$). A maior parte da amostra (54.5%, $n=589$) estuda no mesmo distrito onde reside enquanto 45.5% ($n=492$) estuda fora do distrito de residência. Considerando o local e pessoas com quem reside, 56.1% ($n=606$) reside num apartamento e apenas 2.6% ($n=28$) mora numa residência universitária, verificando-se que 67.9% ($n=734$) vivia com a sua respetiva família enquanto 4.9% ($n=53$) vivia sozinho (cf. Tabela 2).

No que diz respeito às atividades remuneradas e acadêmicas, a maioria (79.4%, $n=826$) dos(as) estudantes não tinham uma atividade remunerada como também não estavam envolvidos em atividades acadêmicas (79.7%, $n=862$). Apenas 20.3% ($n=219$) estavam envolvidos em atividades acadêmicas, indicando o núcleo de estudantes (8.1%, $n=88$), tuna acadêmica (3.1%, $n=33$) e a associação de estudantes (2.6%, $n=28$) (cf. Tabela 2).

Tabela 2

Caraterização sociodemográfica da amostra total (n=1081) quanto às dinâmicas e atividades universitárias

		%	n
Área de educação e formação	Ciências Sociais, Comércio e Direito	40.5	438
	Saúde e Proteção Social	27.3	295
	Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção	20.9	226
	Ciências, Matemática e Informática	8.5	92
	Serviços	1.9	20
	Agricultura	0.9	10
Ano curricular	1º ano	24.1	261
	2º ano	25.1	271
	3º ano	19.1	207
	4º ano	15.8	171
	5º ano	15.4	166
	6º ano	0.5	5
Estuda fora do distrito de residência	Não	54.5	589
	Sim	45.5	492
Local de residência	Apartamento	56.1	606
	Vivenda/moradia	28.5	308
	Quarto alugado	12.9	139
	Residência universitária	2.6	28
Coabitação	Família	67.9	734
	Amigos ou colegas	20.8	225
	Marido, esposa, companheiro(a)	6.4	69
	Sozinho	4.9	53
Atividade remunerada	Não	76.4	826
	Sim	23.6	255
Inserção em atividades académicas	Não	79.7	862
	Sim	20.3	219
		Amostra (n=219)	
		%	n
Atividades académicas	Núcleo de estudantes	8.1	88
	Tuna académica	3.1	33
	Associação de estudantes	2.6	28
	Equipa de desporto	1.9	20
	Atividades recreativas e culturais	1.9	21
	Atividades científicas	1.1	12
	Não responde	1.1	12
	Coro académico	0.5	5

Instrumentos

Na presente investigação recorreu-se a medidas de autorrelato, sendo suportado pela técnica do questionário. De modo a recolher as informações necessárias para a investigação, os instrumentos utilizados foram uma versão adaptada do Inventário de Vitimação por Stalking (IVS) (Matos, Grangeia, Ferreira, & Azevedo, 2009) e a Escala de Avaliação de Cyberstalking (Spitzberg & Cupach, 1999, traduzido e adaptado por Carvalho & Matos, 2010). Complementarmente, foi elaborado um questionário sociodemográfico administrado em conjunto com os referidos instrumentos, com a finalidade de obter informações detalhadas sobre os participantes, designadamente os dados sociodemográficos, que se revelaram importantes para o presente estudo.

O IVS é um instrumento de autorrelato desenvolvido por Matos e colaboradores (2009), tendo como objetivo inquirir sobre a vitimação por stalking, através de 23 itens, agrupados em cinco seções, nomeadamente pelos dados sociodemográficos dos participantes, a prevalência da vitimação ao longo da vida, os perfis, dinâmicas e cenários, o impacto na vítima e as respostas à respetiva vitimação. Desta forma, foi realizada uma adaptação ao questionário original, eliminando a primeira seção constituída pelos dados sociodemográficos, devido à elaboração do questionário sociodemográfico anteriormente referido. Assim, a versão adaptada do IVS para o presente estudo é constituída por quatro seções (Matos et al., 2011) (cf. Tabela 3).

Tabela 3

Secções e variáveis da versão adaptada do IVS

Secção	Variáveis
I. Prevalência	Prevalência ao longo da vida.
II. Perfis, Dinâmicas e Cenários	Número de stalkers, sexo do stalker, relação entre a vítima e o stalker, momento da ocorrência em relações íntimas, prevalência atual, comportamentos, frequência e a respetiva duração.
III. Impacto	Desempenho profissional e/ou académico, saúde física, saúde psicológica, relações com os outros, relações de intimidade, consequências aos níveis económico/financeiro, estilo de vida/comportamento e medo.
IV. Respostas à Vitimação	Procura de ajuda, fontes de apoio e utilidade.

O instrumento beneficia de uma dupla funcionalidade, ou seja, possibilita a deteção da existência de vitimação ao longo da vida como também permite analisar a vitimação em vários domínios (perfil da vítima e do(a) *stalker*, dinâmicas, impacto e procura de apoio) (Matos et al., 2011). Neste estudo, a primeira parte do questionário foi aplicada a todos(as) os(as) participantes enquanto as restantes partes foram apresentadas aos estudantes que se autodefiniram como vítimas de stalking, respondendo afirmativamente à questão “*Ao longo da sua vida alguma vez foi alvo deste tipo de interesse?*”.

A Escala de Avaliação de Cyberstalking é um instrumento de autorrelato, traduzido e adaptado por Carvalho e Matos (2011, citado por Carvalho, 2011), tendo como finalidade avaliar os comportamentos de vitimação de cyberstalking, sendo constituída por 27 itens e subdividindo-se em quatro fatores: “transferência para a vida real” (itens 6, 19, 20, 21, 22, 23, 25 e 26), “hiperintimidade” (itens 1, 2, 3, 4 e 5), “ameaça” (itens 7, 8, 9, 12, 15, 16 e 17) e “sabotagem” (itens 13 e 14) (Carvalho, 2011).

Assim como no IVS, a primeira secção da Escala de Avaliação de Cyberstalking foi aplicada a todos os(as) participantes, sendo as restantes secções apresentadas aos estudantes que se autodefiniram como vítimas de cyberstalking, respondendo afirmativamente à questão

“Alguma vez foi alvo de comportamentos de assédio persistente com recurso a meios eletrónicos?”.

O instrumento é constituído por uma escala tipo *likert* de cinco pontos, em que o(a) participante poderá indicar a frequência da experiência, composto pelas seguintes categorias: *nunca, uma vez, duas a três vezes, quatro a cinco vezes e mais de cinco vezes*. Ao nível da cotação da escala, é possível utilizar uma pontuação global adquirida através do somatório de todos os itens como também poderá recorrer-se à cotação dos quatro fatores (Carvalho, 2011).

Quanto às suas características psicométricas, a consistência interna para a versão portuguesa da Escala de Avaliação de Cyberstalking obteve um alpha de *Cronbach* geral de .916. As suas subescalas apresentaram os seguintes valores: transferência para a vida real .933, hiperintimidade .887, ameaça .857 e sabotagem .782 (Carvalho, 2011). Na presente investigação, os valores de consistência interna encontram-se um pouco mais baixos do estudo original de adaptação para a versão portuguesa, apresentando um alpha de *Cronbach* geral de .861 (consistência interna boa). As suas subescalas revelaram os seguintes valores: transferência para a vida real .764 (consistência interna razoável), hiperintimidade .764 (consistência interna razoável), ameaça .693 (consistência interna fraca) e sabotagem .870 (consistência interna boa).

Procedimento

Tendo em consideração o cumprimento dos procedimentos éticos e deontológicos no âmbito da presente investigação, foi inicialmente desenvolvido e submetido o projeto à validação da Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa, como também foram efetuados os pedidos de autorização às autoras dos instrumentos (IVS e EAC) (Anexo A). Após a obtenção das respetivas autorizações foi desenvolvido o questionário sociodemográfico (Anexo B) e elaboradas as adaptações necessárias ao IVS e EAC.

Adicionalmente, foi criado um endereço eletrónico para o qual os(as) participantes poderiam solicitar esclarecimentos, informações ou questões que pudessem surgir aquando o preenchimento dos instrumentos.

Assim, a declaração do consentimento informado, o questionário sociodemográfico e os instrumentos foram publicados através de uma plataforma *online*, designadamente na ferramenta *Google Docs*. Posteriormente, foi solicitado e divulgado o preenchimento do estudo de forma *online*, através de associações de estudantes, redes sociais, fóruns e endereços eletrónicos. A recolha de dados decorreu entre o mês de janeiro e abril de 2016.

Aos participantes foi apresentada uma declaração de consentimento informado, visando elucidar os(as) participantes do carácter voluntário, anónimo e confidencial do estudo, proferindo uma breve explicação dos objetivos, a respetiva constituição do questionário e referidos os critérios de inclusão na amostra.

Os dados recolhidos foram analisados com recurso ao programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences – version 24* (IBM SPSS versão 24.0), com a finalidade de se proceder ao tratamento estatístico para a responder às questões de estudo inicialmente propostas.

Resultados

De seguida serão apresentados os resultados obtidos, com recurso à análise estatística, de modo a responder às questões de estudo previamente formuladas.

Coocorrência da Vitimação do Stalking e Cyberstalking

De modo a responder à primeira questão de estudo, a primeira parte do IVS e da EAC foi aplicada a todos(as) os(as) participantes enquanto as restantes partes foram apresentadas aos estudantes que se autodefiniram como vítimas de stalking, respondendo afirmativamente à questão “*Ao longo da sua vida alguma vez foi alvo deste tipo de interesse?*” e vítimas de cyberstalking, respondendo também de forma afirmativa à pergunta “*Alguma vez foi alvo de*

comportamentos de assédio persistente com recurso a meios eletrónicos?”. Assim sendo, as duas respetivas questões permitem-nos avaliar a prevalência da vitimação por stalking, cyberstalking e a respetiva coocorrência dos dois fenómenos, nos casos em que os estudantes respondem afirmativamente em ambas as questões.

De acordo com os resultados alcançados, é possível verificar-se que no conjunto dos(as) participantes ($n=1081$), 15.4% ($n=167$) reconheceu ser vítima de stalking e, concomitantemente, vítima de cyberstalking. Adicionalmente, foi possível verificar as taxas de prevalência da vitimação exclusiva de stalking e de cyberstalking. Relativamente à taxa de prevalência da vitimação por stalking, 24.0% ($n=259$) dos estudantes universitários relataram ter sido alvos, em algum momento da sua vida, de comportamentos de stalking. Quanto à taxa de prevalência da vitimação por cyberstalking, 22.8% ($n=246$) dos participantes inquiridos reconheceram ter sido alvo de comportamentos de assédio persistente com recurso a meios eletrónicos (cf. Tabela 4).

Tabela 4

Prevalência da vitimação por stalking, cyberstalking e respetiva coocorrência

			Prevalência da vitimação por stalking		
			Não	Sim	Total
Prevalência da vitimação por cyberstalking	Não	<i>n</i>	743	92	835
		%	68.7	8.5	77.2
	Sim	<i>n</i>	79	167	246
		%	7.3	15.4	22.8
Total	<i>n</i>	822	259	1081	
	%	76.0	24.0	100.0	

Caraterização das Vítimas de Stalking e Cyberstalking

No que se refere aos resultados relativos às características das vítimas de stalking e cyberstalking, constatou-se que na amostra feminina a prevalência da vitimação era de 77.2% ($n=129$) enquanto na amostra masculina foi de 22.8% ($n=38$). Quanto à prevalência nos grupos etários, verificou-se que a maioria das vítimas (55.7%, $n=93$) tem idades

compreendidas entre os 21 e os 24 anos, seguido da faixa etária entre os 18 aos 20 anos (26.9%, $n=45$), a menor prevalência registou-se nos indivíduos pertencentes ao grupo etários dos 45 aos 58 anos (2.4%, $n=4$). Quanto à região, constatou-se uma maior prevalência de vítimas de stalking e cyberstalking na Área Metropolitana de Lisboa (69.5%, $n=116$) e no Centro (14.4%, $n=24$), uma prevalência menor registou-se no Algarve (0.6%, $n=1$). Foi no primeiro ciclo do ensino superior que se registou um maior número de vítimas (48.5%, $n=81$) e uma menor prevalência ocorreu em vítimas que possuíam o terceiro ciclo do ensino superior (1.2%, $n=2$) (cf. Tabela 5).

No que concerne ao estado civil, verificou-se uma maior prevalência de vítimas solteiras (95.8%, $n=160$) e uma menor prevalência de divorciados(as) (1.2%, $n=2$). Em relação à situação amorosa, 54.5% ($n=91$) dos(as) estudantes vítimas por ambos os fenómenos mantinham uma relação amorosa. Importa ainda referir, que foi encontrada uma menor prevalência em estudantes que mantinham relações ocasionais (12.0%, $n=20$) (cf. Tabela 5).

Tabela 5

Caraterização sociodemográfica das vítimas de stalking e cyberstalking (n=167)

		Frequência relativa	Frequência absoluta
		%	<i>n</i>
Sexo	Feminino	77.2	129
	Masculino	22.8	38
Grupos etários	Dos 18 aos 20 anos	26.9	45
	Dos 21 aos 24 anos	55.7	93
	Dos 25 aos 30 anos	12.0	20
	Dos 31 aos 44 anos	3.0	5
	Dos 45 aos 58 anos	2.4	4
Região	Área Metropolitana de Lisboa	69.5	116
	Centro	14.4	24
	Norte	12.0	20
	Alentejo	2.4	4
	Regiões Autónomas dos Açores e Madeira	1.2	2
	Algarve	0.6	1
Habilitações literárias	Ensino secundário (12º ano)	40.1	67
	Primeiro Ciclo do Ensino Superior	48.5	81
	Segundo Ciclo do Ensino Superior	10.2	17
	Terceiro Ciclo do Ensino Superior	1.2	2
Estado civil	Solteiro(a)	95.8	160
	Casado(a)	3.0	5
	Divorciado(a)	1.2	2
Situação amorosa	Mantém atualmente uma relação	54.5	91
	Não mantém atualmente uma relação	33.5	56
	Mantém relações ocasionais	12.0	20

Quando se analisou as características sociodemográficas das vítimas de stalking e cyberstalking quanto às dinâmicas e atividades universitárias, observou-se uma maior prevalência nas áreas de Ciências Sociais, Comércio e Direito (47.3%, $n=79$) e na área de Saúde e Proteção Social (23.4%, $n=39$), enquanto se verificou uma menor prevalência na área de Serviços (1.2%, $n=2$). Em relação ao ano curricular constatou-se uma maior prevalência de vítimas no segundo (25.7%, $n=43$) e no primeiro ano (23.4%, $n=39$) e uma menor prevalência no sexto ano curricular (0.6%, $n=1$). Foi encontrada uma maior prevalência nos estudantes que estudavam fora do seu distrito de residência (51.5%, $n=86$). A

maior parte das vítimas (58.7%, $n=98$) reside num apartamento ou vivenda/moradia (28.1%, $n=47$), verificando-se que 67.7% ($n=113$) vivia com a sua respetiva família e 20.4% ($n=34$) com amigos ou colegas (cf. Tabela 6).

Quanto às atividades remuneradas e académicas, a maioria (69.5%, $n=116$) das vítimas não tinham uma atividade remunerada como também não estavam envolvidos em atividades académicas (74.3%, $n=124$). Apenas 25.7% ($n=43$) estavam envolvidos em atividades académicas, indicando maioritariamente o núcleo de estudantes (13.8%, $n=23$) e tuna académica (3.6%, $n=6$) (cf. Tabela 6).

Tabela 6

Características sociodemográficas das vítimas de stalking e cyberstalking (n=167) quanto às dinâmicas e atividades universitárias

		Frequência relativa	Frequência absoluta
		%	n
Área de educação e formação	Ciências Sociais, Comércio e Direito	47.3	79
	Saúde e Proteção Social	23.4	39
	Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção	16.8	28
	Ciências, Matemática e Informática	9.6	16
	Agricultura	1.8	3
	Serviços	1.2	2
Ano curricular	1º ano	23.4	39
	2º ano	25.7	43
	3º ano	16.8	28
	4º ano	19.2	32
	5º ano	14.4	24
	6º ano	0.6	1
Estuda fora do distrito de residência	Sim	51.5	86
	Não	48.5	81
Local de residência	Apartamento	58.7	98
	Vivenda/moradia	28.1	47
	Quarto alugado	12.0	20
	Residência universitária	1.2	2
Coabitação	Família	67.7	113
	Amigos ou colegas	20.4	34
	Marido, esposa, companheiro(a)	6.6	11
	Sozinho	5.4	9
Atividade remunerada	Não	69.5	116
	Sim	30.5	51
Inserção em atividades acadêmicas	Não	74.3	124
	Sim	25.7	43
		<i>Amostra (n=43)</i>	
		%	n
Atividades acadêmicas	Núcleo de estudantes	13.8	23
	Tuna académica	3.6	6
	Atividades recreativas e culturais	2.4	4
	Associação de estudantes	1.8	3
	Equipa de desporto	1.2	2
	Coro académico	1.2	2
	Atividades científicas	1.2	2
	Não responde	0.6	1

No que concerne à prevalência da caracterização da experiência, constatamos que a maioria das vítimas (53.3%, $n=89$) relatou ter sido alvo de uma experiência singular, ou seja, por apenas uma pessoa. Verificou-se ainda que as vítimas referiram ter sido alvo de uma experiência múltipla (46.7%, $n=78$), foram maioritariamente alvo por menos de três *stalkers* (15.0%, $n=25$) (cf. Tabela 7).

Tabela 7

Prevalência da caracterização da experiência e número de stalkers por vítima (n=167)

		Frequência absoluta	Frequência relativa
		<i>n</i>	%
Vitimação	Experiência singular	89	53.3
	Experiência múltipla	78	46.7
Número de <i>stalkers</i> por vítima	Menos de três pessoas	25	15.0
	Três pessoas	22	13.2
	Mais de três pessoas	21	12.6
	Não responde	10	6.0

Caraterização dos Agressores de Stalking e Cyberstalking

Relativamente às características dos(as) agressores(as) de stalking e cyberstalking, verificou-se uma maior prevalência no sexo masculino (71.3% vs. 25.7%). Considerando a frequência e a duração dos comportamentos, estes eram perpetrados diariamente (55.7%, $n=93$) e semanalmente (38.3%, $n=64$), com uma duração de um a seis meses (36.5%, $n=61$). No tipo de agressão perpetrada, dez vítimas de stalking e cyberstalking, referiram terem sido agredidas, sendo a agressão física a mais relatada (cf. Tabela 8).

De um modo geral, o(a) *stalker* era representado como alguém conhecido(a), colega, amigo(a), vizinho(a) ou familiar (38.3%, $n=64$), seguidamente dos parceiros(a) ou ex-parceiros(a) íntimos (33.5%, $n=56$). Por último, nos cenários de ocorrência do stalking e cyberstalking em que o(a) ofensor(a) era um(a) parceiro(a) ou ex-parceiro íntimo, importa destacar que 24.6% ($n=41$) dos casos a vitimação ocorreu durante a relação amorosa (cf. Tabela 8).

Tabela 8

Caracterização dos(as) agressores(as) de stalking e cyberstalking

		Frequência relativa	Frequência absoluta
		%	<i>n</i>
Sexo	Masculino	71.3	119
	Feminino	25.7	43
Frequência dos Comportamentos Perpetrados	Diariamente	55.7	93
	Semanalmente	38.3	64
	Mensalmente	4.8	8
	Menos de uma vez por mês	1.2	2
Duração dos Comportamentos Perpetrados	De um a seis meses (inclusive)	36.5	61
	De seis a 12 meses (inclusive)	18.6	31
	De duas semanas a um mês (inclusive)	17.4	29
	De um a dois anos (inclusive)	13.8	23
	Mais de dois anos	9.0	15
	Menos de duas semanas	4.8	8
Tipo de Agressão Perpetrada	Agressão física	3.0	5
	Agressão física, emocional e/ou psicológica	1.8	3
	Agressão emocional e/ou psicológica	1.2	2
Relação entre a vítima e o <i>stalker</i>	Um(a) conhecido(a), colega, amigo(a), vizinho(a) ou familiar	38.3	64
	Alguém com quem tem ou teve uma relação amorosa	33.5	56
	Um(a) desconhecido(a)	18.6	31
	Alguém que conheceu através da Internet	9.6	16
		Amostra (<i>n</i> =56)	
		%	<i>n</i>
Momento(s) da(s) ocorrência(s)	Durante a relação amorosa	24.6	41
	Antes de iniciar a relação amorosa	7.8	13
	Depois de terminada a relação amorosa	1.2	2

**Identificação dos Padrões de Ocorrências de Stalking e Cyberstalking no Contexto
Universitário**

Os padrões de ocorrência de stalking que se identificam no contexto universitário são tentar entrar em contacto de forma não desejada (89.8%, *n*=150), aparecer em locais frequentados pela vítima (54.5%, *n*=91), ser perseguido (34.7%, *n*=58) e vigiar ou pedir a alguém para vigiar (33.5%, *n*=56) (cf. Tabela 9).

Tabela 9

Prevalência dos Comportamentos de Vitimação por Stalking

	Frequência relativa	Frequência absoluta
	%	<i>n</i>
Tentar entrar em contacto de forma não desejada	89.8	150
Aparecer em locais frequentados pela vítima	54.5	91
Ser perseguido	34.7	58
Vigiar ou pedir a alguém para vigiar	33.5	56
Ameaçar fazer mal a si próprio	24.6	41
Ameaçar a vítima e/ou ameaçar pessoas próximas	24.0	40
Filmar ou tirar fotografias de forma não autorizada	13.8	23
Agredir ou prejudicar pessoas próximas	10.2	17
Vasculhar, roubar ou apoderar-se de objetos pessoais	6.6	11
Invadir a propriedade ou forçar a entrada em casa	5.4	9

No que concerne aos padrões de ocorrência mais frequentes de cyberstalking que se identificam no contexto universitário, estes remetem para uma maior incidência nos comportamentos de hiperintimidade, o item “*enviar mensagens excessivamente carentes ou exigentes*” obteve uma maior taxa de prevalência nas vítimas de stalking e cyberstalking (91%). Seguidamente o item “*enviar mensagens exageradas de afeto*” obteve uma taxa de prevalência de 86.2%, o item “*enviar mensagens excessivamente reveladoras*” com uma taxa de resposta de 74.4% e, por fim, 68.9% das vítimas mencionou ter sido alvo do item “*enviar objetos de afeto*” (cf. Tabela 10).

Tabela 10

Prevalência dos Comportamentos de Vitimação por Cyberstalking

	Nunca	Uma vez	Duas a três vezes	Quatro a cinco vezes	Mais de cinco vezes
	%	%	%	%	%
Enviar objetos de afeto	31.1	10.2	26.3	12.0	20.4
Enviar mensagens exageradas de afeto	13.8	10.8	25.1	22.8	27.5
Enviar mensagens excessivamente reveladoras	25.7	15.6	23.4	10.8	24.6
Enviar mensagens excessivamente carentes ou exigentes	9.0	9.6	28.1	14.4	38.9
Constantemente a monitorizar, marcar ou enviar presentes para a sua rede social	38.3	18.0	15.6	14.4	13.8
Assediar o seu avatar num grupo cibernético	82.0	7.8	6.0	1.2	3.0
Enviar imagens ou mensagens pornográficas/obscenas	63.5	11.4	8.4	6.0	10.8
Enviar mensagens escritas ameaçadoras	59.9	13.8	11.4	6.0	9.0
Enviar mensagens de assédio sexual	52.1	15.0	12.6	7.2	13.2
Enviar fotografias ou imagens ameaçadoras	90.4	5.4	2.4	0.6	1.2
Expor informação privada sobre si aos outros	59.9	14.4	12.0	6.6	7.2
Fingir ser alguém que não é	44.3	21.0	16.2	9.6	9.0
Sabotar a sua reputação	50.3	19.2	12.6	5.4	12.6
Sabotar a sua reputação no trabalho/escola	67.1	15.0	6.6	3.0	8.4
Tentar desativar o seu computador	85.0	9.0	3.0	1.8	1.2
Obter informação privada sem permissão	65.3	14.4	11.4	4.8	4.2
Usar o seu computador para obter informações sobre os outros	82.0	9.0	3.6	1.8	3.6
Colocar escutas no seu carro, casa, escritório	95.8	2.4	1.2	0.6	-
Modificar a sua identidade eletrónica	85.0	10.8	2.4	1.2	0.6
Apoderar-se da sua identidade eletrónica	86.8	9.6	1.8	1.2	0.6
Dirigir outros para si de formas ameaçadoras	91.6	4.8	2.4	1.2	0.0
Conhecê-lo(a) primeiro on-line e depois segui-lo(a)	77.2	2.8	12.6	0.6	1.8
Conhecê-lo(a) primeiro on-line e depois intrometer-se na sua vida	76.6	11.4	8.4	1.2	2.4
Conhecê-lo(a) primeiro on-line e depois ameaça-lo(a)	89.8	5.4	3.0	1.2	0.6
Conhecê-lo(a) primeiro on-line e feri-lo(a)	95.2	3.6	0.6	0.6	0.0
Conhecê-lo(a) primeiro on-line e depois perseguir-lo(a)	83.8	9.0	4.8	1.8	0.6

Legenda: - = Não há qualquer relato nesta categoria

Discussão

O presente estudo tem como objetivo estudar a coocorrência e os respectivos padrões de vitimação do stalking e do cyberstalking em estudantes universitários. Desta forma, apesar de não existir literatura existente sobre a coocorrência e os padrões de vitimação do stalking e cyberstalking, desenvolveremos uma análise comparativa com a informação apresentada no enquadramento teórico.

No que concerne à prevalência de vitimação, constata-se um maior índice de estudantes que se identificaram como vítimas de stalking (24.0%) que os(a) estudantes vítimas de cyberstalking (22.8%). Consequentemente, foi possível verificar que 15.4% dos estudantes referiram ter sido vítimas da coocorrência de ambos os fenómenos. Ao analisar e comparar estes resultados, verificamos que a taxa de prevalência de vitimação por stalking é muito semelhante e vai de encontro com os estudos que utilizam amostras universitárias, no qual apresentam taxas de vitimação entre 22.3% e 25.3% (Amar, 2006; Björklund et al., 2010; Maran et al., 2014). Ainda neste sentido, verificamos que a taxa de prevalência de stalking é superior, em comparação, aos índices averiguados por Fisher e colaboradores (2002) (13.1%) e McNamara e Marsil (2012) (12%), porém inferior, em comparação, aos índices encontrados por Geistman e seus colaboradores (2013) (35%) e Jordan e investigadores (2007) (40.4%). Quanto à taxa de prevalência de vitimação por cyberstalking esta vai de encontro com o estudo de White e Camody (2016), no qual apresentou uma taxa de prevalência de cyberstalking de 19% em estudantes universitários. Por outro lado, em comparação com outros estudos em amostras universitárias, foram encontradas taxas de prevalência superiores, os quais se encontram compreendidos entre os 36.3% e os 74.8% (Carrasquinho, 2015; Carvalho, 2011; Hensler-McGinnis, 2008; Lindsay & Krysik, 2012; Reyns et al., 2012). Assim, podemos verificar uma grande variabilidade das taxas de prevalência de vitimação por stalking e cyberstalking em estudantes universitários, o que poderá estar relacionada com

a variabilidade das terminologias, definições e instrumentos utilizados pelos autores, como também o facto destes respetivos instrumentos serem de autorrelato, que podem concorrer à subestimativa ou sobreestimativa de ambos os fenómenos, estando relacionado com os processos de perceção do seu tipo de relações sociais.

Quanto às características das vítimas de stalking e cyberstalking, verifica-se que estas são predominantemente do sexo feminino (77.2%), dados verificados noutros estudos (Björklund et al., 2010; Curtis, 2012; Fisher et al., 2002; Geistman et al., 2014; Maran et al., 2014; McNamara & Marsil, 2012; Poullet et al., 2009; Reyns, 2010; White & Carmody, 2016), corroborando os estudos de Alexy e seus colaboradores (2005) e Carvalho (2011) em que referem que o sexo masculino apresentou mais comportamentos de cyberstalking.

Relativamente à idade, estado civil e situação amorosa, averiguou-se que as vítimas têm idades compreendidas entre os 21 e os 24 anos (55.7%) e são solteiros(as) assim como foi verificado em vários estudos (Carrasquinho, 2015; Carvalho, 2011; Curtis, 2012; Reyns, 2010), encontrando-se numa relação amorosa (54.5%), o que reforça o contexto relacional do stalking e cyberstalking. Apesar de não existir literatura existente para as restantes características das vítimas de stalking e cyberstalking, constatamos que estas encontram-se no primeiro ciclo do ensino superior (48.5%) e no primeiro e segundo ano curricular (49.1%), sendo que estes dados reforçam os de Carrasquinho (2015) e Carvalho (2011) que referem que as vítimas são predominantemente mais jovens, ou seja, frequentando os primeiros anos da Licenciatura do Ensino Superior. As vítimas pertencem maioritariamente às áreas de Ciências Sociais, Comércio e Direito (47.3%), sendo esta informação bastante interessante, pois são áreas que estão diretamente ligadas com a sociedade. Por fim, os dados revelam que as vítimas pertencem à região da Área Metropolitana de Lisboa (69.5%) estudavam fora do seu distrito de residência (51.5%), residindo num apartamento ou vivenda/moradia (28.1%), com a sua família (67.7%), não possuindo uma atividade remunerada como também não

estavam envolvidos em atividades académicas. Estes resultados podem advir do facto da amostra analisada ser bastante homogénea no que diz respeito a estas características.

Relativamente à prevalência da caracterização da experiência nas vítimas de stalking e cyberstalking, averiguamos que 53.3% referiu ter sido alvo de uma experiência singular.

No que diz respeito às características do(a) *stalker* e *ciberstalker*, os homens assumem com maior frequência o papel de *stalker* (71.3%), evidências verificadas noutras investigações internacionais com amostras em estudantes universitários (Björklund et al., 2010; Curtis, 2012; Fisher et al., 2002; Geistman et al., 2014; Hensler-McGinnis, 2008; Maran et al., 2014). Importa referir que os(as) *stalker* e *ciberstalker* parecem ter um conhecimento aprofundado sobre as rotinas e o quotidiano das vítimas, devido à frequência dos comportamentos ocorrer em mais de 90% dos casos diariamente ou semanalmente e também em mais de 70% dos casos o(a) agressor(a) ser alguém conhecido(a) da vítima, sobretudo em 38.3% dos casos o(a) agressor(a) ser um(a) conhecido(a), colega, amigo(a), vizinho(a) ou familiar e 33.5% ser alguém com quem teve ou tem uma relação amorosa, suportando as conclusões de investigações de estudos internacionais em estudantes universitários (Alexy et al., 2005; Amar, 2006; Buhi et al., 2009; Curtis, 2012; Heinrich, 2015; Hensler-McGinnis, 2008; Jordan et al., 2007; Jutras et al., 2013; Maran et al., 2014; Poullet et al., 2009; Reyns et al., 2012), corroborando a perspetiva de Finn (2004) que refere que o cyberstalking é perpetrado maioritariamente por parte de um(a) desconhecido(a).

Tendo em consideração os casos em que o(a) agressor(a) era um(a) parceiro(a) íntimo(a) atual ou anterior (33.5%), destaca-se que o momento de ocorrência de stalking e cyberstalking predominante foi durante a relação amorosa (24.6%), o que pode sugerir a tentativa de poder e controlo sobre a vítima.

Na presente investigação, os comportamentos de stalking mais frequentes referidos pelas vítimas de stalking e cyberstalking são as ações percecionadas como aparentemente

inofensivas, designadamente tentar entrar em contacto de forma indesejada (89.8%), aparecer em locais frequentados pela vítima (54.5%), ser perseguido (34.7%) e vigiar ou pedir a alguém para vigiar (33.5%), sendo notória a semelhança entre a literatura nacional e internacional (Amar, 2006; Björklund et al., 2010; Buhi et al., 2009; Fisher et al., 2002; Geistman et al., 2013; Pereira et al., 2014). Os comportamentos de stalking “vasculhar, roubar ou apoderar-se de objetos pessoais” e “invadir a propriedade ou forçar a entrada em casa” são os mais intrusivos, no entanto os menos representativos. Os padrões de ocorrência de cyberstalking mais frequentes relatados pelas vítimas são os comportamentos de hiperintimidade, ou seja, configuram um conjunto de expressões excessivas ou inapropriadas para com a vítima, designadamente os itens “*enviar mensagens excessivamente carentes ou exigentes*” (91%), “*enviar mensagens exageradas de afeto*” (86.2%), “*enviar mensagens excessivamente reveladoras*” (74.4%) e “*enviar objetos de afeto*” (68.9%), verificados pelos resultados de diversos estudos nacionais e internacionais com estudantes universitários (Carrasquinho, 2015; Carvalho, 2011; Curtis, 2012; Hensler-McGinnis, 2008; Poullet et al., 2009; Reyns, 2010; Spitzberg & Hoobler, 2002).

Conclusão

O presente estudo contribuiu para o conhecimento sobre a coocorrência e os respetivos padrões de vitimação do stalking e do cyberstalking em estudantes universitários, no qual a comunidade científica aborda maioritariamente estudos exclusivos aos fenómenos de stalking e/ou cyberstalking em estudantes universitários, não se debruçando sobre a sua coocorrência. Neste sentido, a recente criminalização do fenómeno de stalking, incentivou esta investigação a produzir elementos que nos guiem na prevenção de ambos os fenómenos. De acordo com os resultados obtidos é possível concluir que os índices de prevalência, nomeadamente de stalking, cyberstalking e a respetiva coocorrência, averiguados são relativamente elevados e preocupantes, destacando a necessidade de políticas de prevenção

com a realização de ações de sensibilização em universidades e na população em geral, bem como a promoção da formação técnica a profissionais (e.g., psicólogos, juristas, advogados, forças de segurança) que lidam com as vítimas com o objetivo de estes serem capazes de reconhecer, compreender e intervir em ambos os fenómenos de stalking e cyberstalking. Todavia, ao longo do presente estudo foram identificadas um conjunto de limitações. A primeira limitação refere-se às características inerentes à amostra estudada, não sendo possível a obtenção de uma distribuição de variáveis sociodemográficas homogéneas. Por outro lado, os instrumentos utilizados no presente estudo são de autorrelato, tendo sido aplicados de modo online, possibilitando a desejabilidade social por parte do estudante, que podem concorrer à subestimativa ou sobreestimativa de ambos os fenómenos. Por fim, os dados apresentados neste estudo não possibilitam a extrapolação dos resultados para a população portuguesa, apenas para a população universitária.

Ao longo deste trabalho foi-se verificando sobretudo a inexistência de investigações sobre a coocorrência do stalking e do cyberstalking, revelando a pertinência do presente estudo e espelhando o imperativo de mais estudos sobre a coocorrência de ambos os fenómenos, de natureza quantitativa e qualitativa, recorrendo a diferentes amostras (e.g., amostras nacionais, adolescentes), de modo a aprofundar a compreensão do stalking e cyberstalking, assim como analisar as respostas à vitimação e as estratégias de *coping* utilizadas pelas vítimas. Como sugestões futuras seria ainda útil alargar a amostra na perspetiva de perpetração, ou seja, estudos centrados no(a) *stalker* e *ciberstalker*, de forma a compreender as suas motivações.

Referências

- Alexy, E. M., Burgess, A. W., Baker, T., & Smoyak, S. A. (2005). Perceptions of cyberstalking among college students. *Brief Treatment and Crisis Intervention, 5*(3), 279-289. doi: 10.1093/brief-treatment/mhi020
- Amar, A. F. (2006). College women's experience of stalking: Mental health symptoms and changes in routines. *Archives of Psychiatric Nursing, 20*(3), 108-116. doi: 10.1016/j.apnu.2005.10.003
- Björklund, K., Häkkänen-Nyholm, H., Sheridan, L., & Roberts, K. (2010). The prevalence of stalking among Finnish students. *Journal of Interpersonal Violence, 25*(4), 684-698. doi: 10.1177/0886260509334405
- Bocij, P. (2004). *Cyberstalking: Harassment in the Internet age and how to protect your family*. USA: Praeger Publishers.
- Bocij, P., & McFarlane, L. (2003). Cyberstalking: The technology of hate. *The Police Journal, 76*(3), 204-221. doi: 10.1350/pojo.76.3.204.19442
- Buhi, E. R., Clayton, H., & Surrency, H. H. (2009). Stalking victimization among college women and subsequent help-seeking behaviors. *Journal of American College Health, 57*(4), 419-426. doi: 10.3200/JACH.57.4.419-426
- Carrasquinho, J. P. N. (2015). *Cyberstalking: Prevalência e estratégias de coping em estudantes universitários* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Fernando Pessoa, Portugal.
- Carvalho, C. S. S. (2011). *Cyberstalking: Prevalência na população universitária da Universidade do Minho* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade do Minho, Portugal.
- Cupach, W. R., & Spitzberg, B. H. (2004). *The dark side of relationship pursuit: From attraction to obsession and stalking*. Mahwah, NJ: Erlbaum.

- Curtis, L. (2012). *Virtual vs. reality: An examination of the nature of stalking and cyberstalking* (Unpublished Master Dissertation). San Diego State University: USA.
- Diário da República Eletrónico (2015). Lei n.º 83/2015 de 5 de Agosto. DR, 1º Série, n.º 151, de 5 de Agosto de 2015. Retirado de <https://dre.pt/application/file/69951045>.
- Finn, J. (2004). A survey of online harassment at a university campus. *Journal of Interpersonal Violence*, 19(4), 468-483. doi: 10.1177/0886260503262083
- Fisher, B. S., Cullen, F. T., & Turner, M. G. (2002). Being pursued: Stalking victimization in a national study of college women. *Criminology & Public Policy*, 1(2), 257-308. doi: 10.1111/j.1745-9133.2002.tb00091.x
- Geistman, J., Smith, B., Lambert, E. G., & Cluse-Tolar, T. (2013). What to do about stalking: A preliminary study of how stalking victims responded to stalking and their perceptions of the effectiveness of these actions. *Criminal Justice Studies*, 26(1), 43-66. doi: 10.1080/1478601X.2012.712534
- Grangeia, H., & Matos, M. (2010). Stalking: Consensos e controvérsias. In C. Machado. *Novas formas de vitimação criminal* (pp. 121-166). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Heinrich, P. A. (2015). *Generation iStalk: An examination of the prior relationship between victims of stalking and offenders* (Unpublished Master Dissertation). Marshall University: USA.
- Hensler-McGinnis, N. F. (2008). *Cyberstalking victimization: Impact and coping responses in a national university sample* (Unpublished Master Dissertation). University of Maryland: USA.
- Jaishankar, K., & Kosalai, P. (2007). Victims of stalking in India: A study of girl college students in Tirunelveli city. *Temida*, 13-21. doi: 10.2298/TEM0704013J
- Jordan, C. E., Wilcox, P., & Pritchard, A. J. (2007). Stalking acknowledgement and reporting among college women experiencing intrusive behaviors: Implications for the emergence

of a “classic stalking case”. *Journal of Criminal Justice*, 35, 556-569. doi:

10.1016/j.jcrimjus.2007.07.008

Jutras, S. E., Edwards, K., & Sylaska, K. (2013). *Correlates of help-seeking following stalking victimization: A study of college women* (Unpublished Master Dissertation). University of New Hampshire: USA.

Kennedy, M. A., & Taylor, M. A. (2010). Online harassment and victimization of college students. *Justice Policy Journal*, 7(1), 1-21.

Lindsay, M., & Krysik, J. (2012). Online harassment among college students. *Information, Communication & Society*, 15(5), 703-719. doi: 10.1080/1369118X.2012.674959

Maran, D. A., Zedda, M., Varetto, A., & Munari, J. (2014). Stalking victimization among Italian university students. *Gender & Behaviour*, 12(1), 6070-6079.

Matos, M., Grangeia H., Ferreira, C., & Azevedo, V. (2011). *Inquérito de vitimação por stalking – Relatório de investigação*. Braga: Grupo de Investigação sobre o Stalking em Portugal.

McNamara, C. L., & Marsil, D. F. (2012). The prevalence of stalking among college students: The disparity between researcher and self-identification victimization. *Journal of American College Health*, 60(2), 168-174. doi: 10.1080/07448481.2011.584335

Pathé, M., Mullen, P. E., & Purcell, R. (2001). Management of victims of stalking. *Advances in Psychiatric Treatment*, 7(6), 399-406. doi: 10.1192/apt.7.6.399

Paullet, K. L., Rota, D. R., & Swan, T. T. (2009). Cyberstalking: An exploratory study of students at a Mid-Atlantic university. *Issues in Information Systems*, 10(2), 640-649.

Pereira, F., Matos, M., Sheridan, L., & Scott, A. J. (2014). Perceptions and personal experiences of unwanted attention among Portuguese male students. *Psychology, Crime & Law*, 398-411. doi: 10.1080/1068316X.2014.989167

Reyns, B. W. (2010). *Being pursued online: Extent and nature of cyberstalking victimization from a lifestyle/routine activities perspective* (Unpublished Master Dissertation).

University of Cincinnati: USA.

Reyns, B. W., Henson, B., & Fisher, B. S. (2012). Stalking in the twilight zone: Extent of cyberstalking victimization and offending among college students. *Deviant Behavior*, 33(1), 1-25. doi: 10.1080/01639625.2010.538364

Sheridan, L. P., & Grant, T. (2007). Is cyberstalking different?. *Psychology, Crime & Law*, 13(6), 627-640. doi: 10.1080/10683160701340528

Sheridan, L. P., Blaauw, E., & Davies, G. M. (2003). Stalking: Knowns and unknowns. *Trauma, Violence & Abuse*, 4, 148-162. doi: 10.1177/1524838002250766

Spitzberg, B. H., & Hoobler, G. (2002). Cyberstalking and the technologies of interpersonal terrorism. *New Media & Society*, 4(1), 67-88.

Tjaden, P., & Thoennes, N. (1998). *Stalking in America: Findings from the National Violence Against Women Survey*. Washington, DC: National Institute of Justice and Centers for Disease Control and Prevention.

US Attorney General (1999). Cyberstalking: A new challenge for law enforcement and industry – A report from the Attorney General to the Vice President. Obtido em: <http://www.justice.gov/criminal/cybercrime/cyberstalking.htm>.

White, W. E., & Carmody, D. (2016). Preventing online victimization: College students' views on intervention and prevention. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-7. doi: 0886260515625501

Conclusão Geral

O fenómeno de stalking começou a ser reconhecido por parte da comunidade científica a partir dos anos 90 do século XX (Grangeia & Matos, 2010). Posteriormente, o cyberstalking, caracterizado como um tipo de comportamento de stalking, despoletou uma maior atenção por parte dos investigadores, ao averiguarem que este tipo de assédio ocorre acompanhado de outras formas de assédio presencial (Carvalho, 2011). Atualmente, no contexto internacional e nacional, estes dois tipos de violência apresentam um crescimento por parte da investigação, ainda que escassa, estando instituído nas esferas científicas, legais e sociais (Grangeia & Matos, 2010).

Qualquer pessoa pode ser vítima de stalking e de cyberstalking ao longo da vida, independentemente do sexo, idade, etnia, orientação ou classe social. No entanto, os estudantes universitários são considerados a população mais vulnerável à vitimação pelos fenómenos de stalking e cyberstalking. Ambos os fenómenos podem desenvolver-se devido a esta população ser constituída maioritariamente por jovens adultos e solteiros (Fisher, 2001; Reyns, et al., 2011), como também através dos sentimentos de independência e com rotinas previsíveis o campus universitário (Björklund et al., 2010; Fisher et al., 2002), pois encontram-se frequentemente a assistir a aulas ou no campus universitário (Fisher, 2001). As características repetidas e persistentes do stalking e do cyberstalking resultam em sofrimento para as vítimas (Roberts, 2005) que passam a viver num estado de constante ameaça, independentemente da existência de uma ameaça explícita ou da presença de violência física (Pathé & Mullen, 2002).

Desta forma, a necessidade da intervenção do sistema jurídico-legal, com vista à proteção da integridade física e psicológica da vítima, bem como à repressão deste fenómeno. A atuação legal face ao stalking teve início nos Estados Unidos da América (EUA), na década de 90, influenciando a Austrália e o Canadá (Cupach & Spitzberg, 2014). Atualmente, no

contexto europeu, a criminalização vigora em dez países, designadamente no Reino Unido, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Alemanha, Irlanda, Itália, Malta, Holanda e Portugal (Cupach & Spitzberg, 2014). A criminalização do stalking em Portugal surgiu no ano de 2015, ao ser introduzido um aditamento ao Código Penal Português denominado “Perseguição” (artigo 154-A), abrangendo também o fenómeno de cyberstalking, de cariz semipúblico, sendo integrado no elenco dos crimes contra a liberdade pessoal (Diário da República Eletrónico, 2015).

Neste sentido, surgiu o interesse e pertinência de estudar a coocorrência do stalking e do cyberstalking em estudantes universitários, pois verifica-se que a investigação no contexto internacional e nacional são escassas, apresentando-se o presente estudo como um contributo para o desenvolvimento do conhecimento científico na área da Vitimologia.

A revisão sistemática da literatura sobre a coocorrência do stalking e do cyberstalking em estudantes universitários permitiu a análise e compreensão de 25 estudos empíricos, de natureza qualitativa e quantitativa, nomeadamente 11 estudos sobre a ocorrência do stalking em estudantes universitários e 14 estudos acerca do cyberstalking em estudantes universitários. A realização do estudo quantitativo acerca da coocorrência e os padrões de vitimação em estudantes universitários foi constituída por uma amostra de 1081 estudantes universitários, de ambos os sexos (72.2% mulheres e 27.8% homens), com idades compreendidas entre os 18 e os 58 anos ($M= 22.8$; $DP= 4.94$). Tendo em vista o alcance do objetivo e a obtenção de respostas às questões de investigação apenas se estudaram os 167 participantes que se autodefiniram como vítimas de stalking e cyberstalking.

Concomitantemente, nos dois artigos foi possível concluir que as taxas de prevalência são bastante elevadas em relação à população em geral, sendo o sexo feminino mais vulnerável a este tipo de vitimação enquanto os agressores são maioritariamente do sexo masculino. O tipo de relação existente entre a vítima e(o) ofensor(a) na ocorrência dos fenómenos de

stalking e cyberstalking, este é descrito como sendo maioritariamente conhecido (e.g., amigo, familiar, colega) ou por um parceiro íntimo atual ou anterior da vítima. No que diz respeito aos comportamentos perpetrados pelo stalker e cyberstalker verificamos que as tentativas de contacto não desejado (e.g., chamadas telefónicas, mensagens, correio eletrónico) e os comportamentos de hiperintimidade (e.g., enviar mensagens excessivamente carentes ou exigentes, enviar mensagens exageradas de afeto, enviar objetos de afeto).

Adicionalmente, a revisão sistemática da literatura revela que o impacto do stalking e do cyberstalking na população universitária tem consequências negativas, sendo as áreas mais afetadas são a saúde psicológica, física, social, economia e ao nível do estilo de vida. Quanto às respostas à vitimação, as fontes de apoio informal foram as mais ativadas pelas vítimas (e.g., família, amigos) em detrimento das fontes formais.

Assim, se acordo com os contributos e limitações referidos (cf. Artigo 1 e Artigo 2), é necessário ter em conta que há um conjunto de questões que carecem de estudo para que possam ser colmatados em investigações futuras, nomeadamente o desenvolvimento de estudos sobre a coocorrência de ambos os fenómenos, de natureza quantitativa e qualitativa, recorrendo a diferentes amostras (e.g., amostras nacionais, adolescentes), de modo a aprofundar a compreensão do stalking e cyberstalking, assim como analisar as respostas à vitimação e as estratégias de *coping* utilizadas pelas vítimas, bem como alargar a amostra na perspetiva de perpetração, ou seja, estudos centrados no(a) *stalker* e *ciberstalker*, de forma a compreender as suas motivações.

Por último, destacamos a necessidade de políticas de prevenção com a realização de ações de sensibilização em universidades e na população em geral, bem como a promoção da formação técnica a profissionais (e.g., psicólogos, juristas, advogados, forças de segurança) que lidam com as vítimas com o objetivo de estes serem capazes de reconhecer, compreender e intervir em ambos os fenómenos de stalking e cyberstalking.

Referências

- Björklund, K., Häkkänen-Nyholm, H., Sheridan, L., & Roberts, K. (2010). The prevalence of stalking among Finnish students. *Journal of Interpersonal Violence, 25*(4), 684-698. doi: 10.1177/0886260509334405
- Bocij, P. (2004). *Cyberstalking: Harassment in the Internet age and how to protect your family*. USA: Praeger Publishers.
- Bocij, P., & McFarlane, L. (2003). Cyberstalking: The technology of hate. *The Police Journal, 76*(3), 204-221. doi: 10.1350/pojo.76.3.204.19442
- Carvalho, C. S. S. (2011). *Cyberstalking: Prevalência na população universitária da Universidade do Minho* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade do Minho, Portugal.
- Cupach, W. R., & Spitzberg, B. H. (2014). *The dark side of relationship pursuit: From attraction to obsession and stalking* (2nd ed.). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Diário da República Eletrónico (2015). Lei n.º 83/2015 de 5 de Agosto. DR, 1º Série, n.º 151, de 5 de Agosto de 2015. Retirado de <https://dre.pt/application/file/69951045>.
- Fisher, B. S. (2001). Being pursued and pursuing during the college years: Their extent, nature, and impact of stalking on college campuses. In J. A. Davis (Ed.). *Stalking crimes and victim protection: Prevention, intervention, threat assessment, and case management* (pp. 207-230). Florida: CRC Press.
- Fisher, B. S., Cullen, F. T., & Turner, M. G. (2002). Being pursued: Stalking victimization in a national study of college women. *Criminology & Public Policy, 1*(2), 257-308. doi: 10.1111/j.1745-9133.2002.tb00091.x
- Grangeia, H., & Matos, M. (2010). Stalking: Consensos e controvérsias. In C. Machado. *Novas formas de vitimação criminal* (pp. 121-166). Braga: Psiquilíbrios Edições.

- Jordan, C. E., Wilcox, P., & Pritchard, A. J. (2007). Stalking acknowledgement and reporting among college women experiencing intrusive behaviors: Implications for the emergence of a “classic stalking case”. *Journal of Criminal Justice*, 35, 556-569. doi: 10.1016/j.jcrimjus.2007.07.008
- Mullen, P. E., Pathé, M., & Purcell, R. (2001). Stalking: New constructions of human behaviour. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 35(1), 9-16. doi: 10.1046/j.1440-1614.2001.00849.x
- Pathé, M., & Mullen, P. (2002). The victim of stalking. In J. C. Boon & L. Sheridan (Eds.), *Stalking and psychosexual obsession: Psychological perspectives for prevention, policing and treatment* (pp. 1-22). England: John Wiley & Sons, Ltd.
- Pereira, F., Matos, M., Sheridan, L., & Scott, A. J. (2014). Perceptions and personal experiences of unwanted attention among Portuguese male students. *Psychology, Crime & Law*, 398-411. doi: 10.1080/1068316X.2014.989167
- Reyns, B. W., Henson, B., & Fisher, B. S. (2012). Stalking in the twilight zone: Extent of cyberstalking victimization and offending among college students. *Deviant Behavior*, 33(1), 1-25. doi: 10.1080/01639625.2010.538364
- Reyns, B. W., Henson, B., & Fisher, B. S. (2012). Stalking in the twilight zone: Extent of cyberstalking victimization and offending among college students. *Deviant Behavior*, 33(1), 1-25. doi: 10.1080/01639625.2010.538364
- Roberts, K.A. (2005). Women’s experience of violence during stalking by former romantic partners: Factors predictive of stalking violence. *Violence Against Women*, 11(1), 89-114. doi: 10.1177/1077801204271096
- Sheridan, L. & Scott, A. J. (2010). Perceptions of harm: Verbal versus physical abuse in stalking scenarios. *Criminal Justice and Behavior*, 37(4), 400-416. doi: 10.1046/j.1440-1614.2001.0896i.x

Spitzberg, B. H., & Hoobler, G. (2002). Cyberstalking and the technologies of interpersonal terrorism. *New Media & Society*, 4(1), 67-88.

Spitzberg, B. H., & Hoobler, G. (2002). Cyberstalking and the technologies of interpersonal terrorism. *New Media & Society*, 4(1), 67-88.

Spitzberg, B., & Cupach, W. (2007). The state of art of stalking: Taking stock of the emerging literature. *Aggression and Violent Behavior*, 12, 64–86.

White, W. E., & Carmody, D. (2016). Preventing online victimization: College students' views on intervention and prevention. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-7. doi:
0886260515625501

ANEXOS

Anexo A

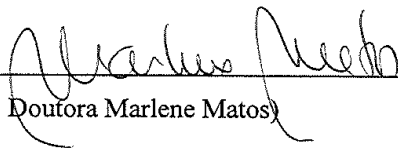
**Pedido de autorização para aplicação do Inventário de Vitimação por Stalking e da
Escala de Avaliação de Cyberstalking**



Autorização

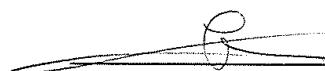
Declara-se que se autoriza Sara Pires, discente do Mestrado em Psicologia Jurídica da Universidade Fernando Pessoa, a aplicar o **Inventário de Vitimação por Stalking** (Matos, Grangeia, Ferreira, & Azevedo, 2009) no desenvolvimento da sua Dissertação de Mestrado, encetada em 2015-2016. Autoriza-se ainda a divulgação da medida, bem como dos resultados obtidos com esta para fins de investigação científica.

A Investigadora,



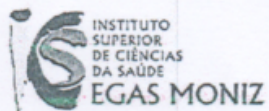
(Prof. Doutora Marlene Matos)

A Orientadora,



(Prof. Doutora Cristina Soeiro)

Monte da Caparica, 5 de Maio de 2016



A Orientadora,

(Prof. Doutora Ana Sani)

A Discente,

(Sara Pires)

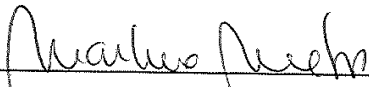
Monte da Caparica, 5 de Maio de 2016



Autorização

Declara-se que se autoriza Sara Pires, discente do Mestrado em Psicologia Jurídica da Universidade Fernando Pessoa, a aplicar a **Escala de Avaliação de Cyberstalking (Carvalho & Matos, 2010)** no desenvolvimento da sua Dissertação de Mestrado, encetada em 2015-2016. Autoriza-se ainda a divulgação da medida, bem como dos resultados obtidos com esta para fins de investigação científica.

A Investigadora,



(Prof. Doutora Marlene Matos)

A Orientadora,

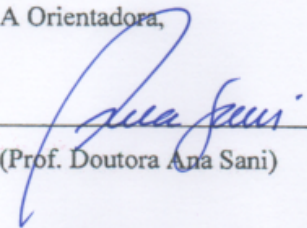


(Prof. Doutora Cristina Soeiro)

Monte da Caparica, 5 de Maio de 2016

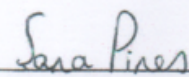


A Orientadora,



(Prof. Doutora Sara Sani)

A Discente,



(Sara Pires)

Monte da Caparica, 5 de Maio de 2016

Anexo B

Questionário sociodemográfico

Questionário Sociodemográfico

Por favor, preencha os seus dados demográficos. Assinale com uma cruz (x) nos locais indicados e preencha por extenso nos locais necessários.

Sexo:

Masculino

Feminino

Idade: ____ (anos)

Região onde reside:

Área Metropolitana de Lisboa

Norte

Centro

Alentejo

Algarve

Região Autónoma dos Açores

Região Autónoma da Madeira

Estado civil:

Solteiro(a)

Casado(a)

Divorciado(a)

Viúvo(a)

Habilitações literárias:

Ensino secundário (12ºano)

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

Instituição de ensino superior que frequenta:

Curso universitário que frequenta:

Ano curricular: _____

Estuda fora do distrito de residência?

Não

Sim

Atualmente, onde reside?

Apartamento

Quarto alugado

Residência universitária

Vivenda/moradia

Atualmente, quem reside consigo?

Amigos ou colegas

Esposa; marido; companheiro

Família

Sozinho

Situação amorosa:

- Mantenho atualmente uma relação
- Mantenho relações ocasionais
- Não mantenho atualmente uma relação

Atualmente, além de ser estudante universitário, desenvolve alguma atividade remunerada (ex.: estágio ou emprego)?

- Não
- Sim

Atualmente, está inserido em alguma atividade académica?

- Não
- Sim

Se sim, em quais das seguintes atividades académicas se encontra envolvido?

- Associação de estudantes
- Núcleo de estudantes
- Equipa de desporto
- Coro académico
- Tuna académica
- Atividades recreativas e culturais
- Atividades científicas

